



# Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

set-out de 2014



Exemplar avulso: R\$ 11,96



## VOCAÇÃO PASTORAL

Onde ela começa e como se desenvolve

Casamento *versus* trabalho, p. 10

Avaliar para servir melhor, p. 27



# O bom Pastor

**C**risto, o grande exemplo de todos os ministros, compara-Se a um pastor. “Eu sou o bom Pastor;” declara Ele; “o bom Pastor dá a Sua vida pelas ovelhas. Eu sou o bom Pastor, e conheço as Minhas ovelhas, e das Minhas sou conhecido. Assim como o Pai Me conhece a Mim, também Eu conheço o Pai e dou a Minha vida pelas ovelhas” (Jo 10:11, 14, 15).

Na parábola da ovelha perdida, o pastor sai à procura de uma ovelha – o mínimo que se pode numerar. Descobrimo que falta uma de suas ovelhas, não olha descuidosamente para o rebanho que se acha a salvo, no abrigo, dizendo: Tenho noventa e nove, e me será muito penoso ir à procura da ovelha perdida. Que ela volte, e então lhe abrirei a porta do redil, e a deixarei entrar. Não; assim que a ovelha se desgarrar, o pastor se enche de pesar e ansiedade. Deixando as noventa e nove no aprisco, sai em busca da ovelha perdida. Seja embora a noite escura e tempestuosa, perigosos e incertos os caminhos, a busca longa e fastidiosa, ele não vacila enquanto a ovelha não é encontrada.

O grande Pastor tem subpastores, aos quais delega o cuidado das ovelhas e cordeiros. A primeira obra que Cristo confiou a Pedro, ao restabelecê-lo no ministério, foi o apascentar os cordeiros (Jo 21:15).

A pergunta feita por Cristo a Pedro era significativa. Mencionou apenas uma condição para o discipulado e o serviço. “Amas-Me”? disse Ele (Jo 21:15-17). Eis o requisito essencial. Embora Pedro possuísse todos os outros, sem o amor de Cristo não poderia ser um fiel pastor do rebanho do Senhor. Conhecimentos, benevolência, eloquência, gratidão e zelo, são todos auxiliares na boa obra; mas, sem o amor de Cristo no coração, a obra do ministro cristão se demonstrará um fracasso.

A lição que Cristo lhe ensinou junto ao Mar da Galileia, Pedro levou consigo por toda a vida.

A ovelha que se desgarrou do redil é a mais impotente de todas as criaturas. Ela deve ser procurada; pois não pode encontrar o caminho para voltar. Assim acontece com a alma que tem vagueado longe de Deus; acha-se tão impotente como a ovelha perdida; e, a não ser que o amor divino a venha salvar, não poderá nunca encontrar o caminho para Deus. Portanto, com que compaixão, com que sentimento, com que persistência deve o subpastor buscar pessoas perdidas! Quão voluntariamente deveria ele abnegar-se, sofrer fadigas e privações!

Há necessidade de pastores que, sob a direção do Sumo Pastor, busquem os perdidos e extraviados. Isto significa suportar desconforto físico e sacrificar a comodidade. Significa uma terna solicitude pelos que erram, uma

compaixão e paciência divinas. Significa ouvir com simpatia relatos de erros, de degradações, de desespero e miséria.

O verdadeiro pastor tem o espírito de esquecimento de si mesmo. Perde de vista o próprio eu, a fim de poder praticar as obras de Deus. Mediante a

pregação da palavra e o ministério pessoal nos lares do povo, aprende a conhecer-lhes as necessidades, as dores, as provações; e, cooperando com Aquele que sabe, por excelência, levar cuidados sobre Si, compartilha de suas aflições, conforta-os nos infortúnios, alivia-lhes a fome d'alma, e conquista-lhes o coração para Deus. Nesta obra o pastor é assistido pelos anjos celestes, e ele próprio é instruído e iluminado na verdade que torna sábio para a salvação.

Em nossa obra o esforço individual conseguirá muito mais do que se possa calcular. É pela falta disso que as pessoas estão perecendo. Uma pessoa é de valor infinito; seu preço é revelado pelo Calvário. Uma pessoa ganha para Cristo será o instrumento em atrair outras, e haverá um resultado sempre crescente de bênçãos e salvação. – (Excertos de *Obreiros Evangélicos*, p. 181-184). ▀

*“O verdadeiro pastor tem o espírito de esquecimento de si mesmo. Perde de vista o próprio eu, sacrifica a comodidade”*

**Editor:**

Zinaldo A. Santos

**Editor Associado:**

Márcio Nastrini

**Assistente de Editoria:**

Lenice F. Santos

**Chefe de Arte:**

Marcelo de Souza

**Design Gráfico:**

Fábio Fernandes

**Ilustração de Capa:**

Thiago Lobo

**Fotos:**

William de Moraes (Editor),

Ministry e cortesia dos autores

**Colaboradores Especiais:**

Carlos Hein; Jerry Page; Derek Morris.

**Colaboradores:**

Antônio Moreira; Cícero Gama; Cláudio Leal; Edilson Valiante; Edinson Vasquez; Eliezer Júnior; Enzo Chaves; Eufrazio Quispe; Fabian Marcos; Geovane Souza; Horácio Cayrus; Jair Garcia Góis; Mitchel Urbano; Nelson Filho; Pablo C. Garcia; Waldony Fiúza.

**Diretor Geral:**

José Carlos de Lima

**Diretor Financeiro:**

Edson Erthal de Medeiros

**Redator-Chefe:**

Marcos de Benedicto

**Redator-Chefe Associado:**

Vanderlei Dorneles

**SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE**

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Site: [www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br)

E-mail: [sac@cpb.com.br](mailto:sac@cpb.com.br)

Ministério na Internet:

[www.dsa.org.br/revistaministerio](http://www.dsa.org.br/revistaministerio)

[www.dsa.org.br/revistaeministerio](http://www.dsa.org.br/revistaeministerio)

Redação: [ministerio@cpb.com.br](mailto:ministerio@cpb.com.br)

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 58,10

Exemplar Avulso: R\$ 11,96



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia  
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34  
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.  
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.



# Reajustando o foco

Um censo ministerial realizado em 2012, pelo sociólogo Thadeu Silva, trouxe à luz preocupações envolvendo pastores adventistas e respectivas famílias. De acordo com as respostas à pesquisa, há falta de tempo para comunhão espiritual, estudo, preparo de sermões, visitação aos membros da igreja, atendimento à família. Há sobrecarga de trabalho, sobreposição de projetos, inquietações materiais, entre outros itens que dificultam o sentimento de plena realização do pastor. Isso chama a atenção e demanda ação, no sentido de reajustar o foco vocacional.

Nesse processo, o pastor é agente, embora aqueles que estabelecem planos e metas de trabalho para ele também tenham uma parte importantíssima a desempenhar. Mas, ao pastor cabe resgatar em si mesmo a conscientização da santidade, seriedade e abrangência do seu chamado. Ele não escolheu ser pastor; foi escolhido por Deus (Jo 15:16). Portanto, é imprescindível que viva e trabalhe em absoluta dependência e segundo as orientações d'Aquele que o chamou. Em última instância, é a Deus que ele presta contas. Tendo isso em mente, o pastor dará sempre o primeiro lugar às primeiras coisas, absolutamente essenciais à sua vida e ao seu ministério: Deus, família e trabalho; exatamente nessa ordem.

Jesus Cristo advertiu Seus discípulos quanto à total nulidade dos esforços e da correria, empreendidos por Seus servos na causa d'Ele, porém sem Ele: “Sem mim vocês não podem fazer coisa alguma” (Jo 15:5). A advertência ainda é válida para os pastores modernos, pois, conforme disse John M. Dresser, “a intimidade da nossa vida com Cristo proporciona a medida de nosso poder espiritual para com Deus... há um conhecimento de Deus e da obra de Deus que vem unicamente pela comunhão com Ele, até o ponto de sentirmos o próprio sopro de Deus em nossa vida e em nosso trabalho” (*Se Eu Começasse meu Ministério de Novo*, p. 16).

É assim que seremos autênticos esposos e pais, ministrando corretamente à nossa família, nosso primeiro campo qualitativo de trabalho. Assim, seremos fiéis pastores do rebanho, alimentando-o, nutrindo-o, mantendo-o bem guardado no aprisco do Bom Pastor. Seremos incansáveis evangelistas, pregadores, impulsionados por uma imorredoura paixão pela salvação dos perdidos, onde quer que eles estejam. Cultivaremos motivos, expectativas e interesses corretos, e trabalharemos deixando com Deus os resultados. Sua recompensa é infinitamente superior a qualquer bem perecível que possamos desejar.

Pela graça de Deus, seja cada um de nós a resposta d'Ele à oração de Moisés: “Que o Senhor, o Deus que a todos dá vida, designe um homem como líder desta comunidade para conduzi-los em suas batalhas, para que a comunidade do Senhor não seja como ovelhas sem pastor” (Nm 27:16, 17). ▀

Zinaldo A. Santos

### 10 CASAMENTO *VERSUS* TRABALHO

Os limites entre a vida familiar e as atividades pastorais.

### 12 JÚBILOS E DESAFIOS DA JUBILAÇÃO

Prepare-se para a aposentadoria e desfrute-a.

### 15 COMBATE, CARREIRA E FÉ

Demandas e recompensas do pastorado de êxito.

### 17 O PASTOR E SUA VOCAÇÃO

Origem, abrangências e implicações do chamado ministerial.



Ilustração: Thiago Lobo

### 21 MOMENTOS DE UM PASTOR

Como tirar o melhor proveito do seu tempo.

### 24 DIAGNOSE PASTORAL

Saiba identificar e solucionar problemas que impedem o crescimento de sua igreja.

### 27 AVALIAR PARA SERVIR MELHOR

Por que a avaliação pastoral é necessária?

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

32 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO  
A CORAÇÃO

*“Os objetivos de  
nosso ministério são  
eternos e espirituais.  
O mundo estabelece  
a agenda para o  
homem profissional.  
Deus estabelece a  
agenda para o homem  
espiritual.”*

John Pieper

# Reminiscências de um missionário



Cortesia do entrevistado

*“Há sempre uma tarefa para cada um de nós, em algum lugar. Meu grande temor é não conseguir realizar todo o trabalho que ainda me espera”*

por Zinaldo A. Santos

**A** falta do glamour dos grandes centros, numa época e região em que a comunicação era precária, perigos físicos e outras dificuldades jamais intimidaram o pastor Natércio Uchôa, no desempenho seu ministério no exuberante interior do Amazonas. Singrando rios com uma das lanchas Luzeiro, ele levou conforto, cura material e espiritual às populações ribeirinhas, e alcançou comunidades indígenas com a mensagem do amor de Deus.

Natércio fez o curso teológico de verão, recebendo o título de bacharel *honoris causa* em Teologia, pela Faculdade Adventista da Bahia. É casado com Francisca Uchôa, tem três filhos: Noedson, Naidson e Nildson (pastor) e duas netas: Natália e Júlia.

Atualmente, quase no ocaso de seu ministério institucional, ele trabalha como assessor da administração da Associação Central Amazonas, mantendo a mesma paixão missionária que lhe proporcionou ricas

experiências compartilhadas nesta entrevista.

**Ministério:** *Quando e de que maneira o senhor entendeu que devia ser pastor?*

**Natércio:** Desde que eu era criança, sempre ouvia meu pai dizer que eu seria pastor. Mas, eu não sabia muito bem o que era isso porque, onde nós morávamos, quase não víamos um pastor. Porém, quando Deus nos chama, Ele mostra os meios, coloca-nos diante de situações em que podemos discernir Seu chamado,

e nos capacita. No meu caso, não houve uma circunstância específica, mas várias situações que me direcionaram para a vocação pastoral.

**Ministério:** *Qual foi seu primeiro lugar de trabalho e em que condições ele foi desenvolvido?*

**Natércio:** Meu primeiro local de trabalho foi em Manaus, no bairro Compensa, como obreiro bíblico do distrito da igreja central. Porém, no segundo ano de trabalho, veio o primeiro grande desafio: o de assumir o distrito de Maués, que era o maior da então Missão Central Amazonas. Tinha 31 congregações e foi o berço do adventismo no estado. Naquela ocasião, eu não entendia nada de enfermagem, então enviaram um casal de enfermeiros para ajudar no trabalho com as lanchas. A igreja enfrentava sérios desafios internos. No primeiro dia de trabalho, reuni os mais de 400 membros e lhes perguntei qual era a maior necessidade da igreja. Um irmão se levantou e respondeu: “um pastor”. Fiquei perplexo, porque eu era apenas um instrutor bíblico e a situação exigia de mim uma experiência que eu não tinha. Felizmente, tive naquele irmão um apoio muito forte durante os dois anos que ali permaneci. Três igrejas foram estabelecidas e aproximadamente 400 pessoas foram batizadas. O trabalho foi desenvolvido entre muitas dificuldades que foram superadas com muita oração, estudo da Palavra e determinação. Entendo que oração sem ação é um evangelho manco. É preciso ter confiança em Deus e certeza de que a causa é dEle. Estando Ele à frente, podemos avançar com a garantia de êxito.

**Ministério:** *Como foi sua experiência trabalhando em lanchas pelos rios do Amazonas?*

**Natércio:** Trabalhei nas lanchas Luzeiro durante 18 anos, atuando nas áreas de odontologia, enfermagem, assistência social, assumindo o papel

de comandante e, às vezes, também de piloto. Foram realizadas mais de vinte mil extrações dentárias, porque naquela época não havia meios de restaurar os dentes. Então, compreendi quão importante e recompensador é ser útil para as pessoas. Sempre que chegávamos às comunidades, os barrancos estavam cheios de pessoas nos aguardando, porque sabiam que levávamos socorro a elas, tanto na área física quanto na espiritual. Lembro-me de que, certo dia, chegamos a uma comunidade e um homem com uma grande ferida na perna veio pedir ajuda. Àquela altura, fim da viagem e quase sem nenhum medicamento, tudo o que tínhamos era uma pomada que não servia muito para o caso daquele homem. Não sabíamos o que fazer, mas não podíamos deixá-lo naquela situação.

*“É importante ter em mente que o pastor existe para servir, e sempre há pessoas necessitando ser servidas”*

Então, ensinei a ele uma forma de lavar a ferida com água morna e sabão, aconselhando-o a usar a pomada em seguida. Depois de algum tempo, voltamos àquela comunidade e o homem estava curado. Simplesmente por causa de muitos outros acontecimentos iguais a esse, eu começaria tudo de novo, se fosse necessário.

**Ministério:** *Um trabalho desse tipo exigia viagens longas. Como ficava a família?*

**Natércio:** Meu terceiro lugar de trabalho foi Caruari, minha cidade natal. Ali fiquei por quase oito anos. Nesse distrito, as dificuldades encontradas foram muitas e sérias; a mais dolorosa de todas foi a distância da família, além do isolamento. Naquela época, meu filho mais velho tinha quatro anos. Minha esposa ficava

em casa com as crianças, e eu saía para cumprir o itinerário. Cada viagem para atender o distrito durava aproximadamente 120 dias, numa época em que não havia as facilidades de comunicação existentes hoje. Minha esposa sempre foi, e continua sendo, meu braço direito durante todo o meu ministério. Sem o apoio que ela me dá incondicionalmente, eu jamais teria conseguido fazer alguma coisa. Nos momentos mais difíceis, ela tem permanecido ao meu lado. Sei perfeitamente que Deus a colocou no meu caminho. Desde o início, ela aceitou altruisticamente o chamado, e isso fez toda diferença. Certo dia, em uma das viagens, nosso filho mais velho caiu do barco e eu não estava presente. Minha esposa ficou desesperada. Depois de duas horas de aflição, um homem numa canoa se aproximou do barco e trouxe nosso filho de volta. Deus o salvou, recompensando a fé demonstrada por minha esposa. Tudo o que temos dado de nós mesmos ao Senhor é o mínimo, em comparação ao melhor que Ele tem dado à nossa família, em termos de cuidado, proteção e outras bênçãos.

**Ministério:** *Como era a rotina diária do trabalho nas lanchas?*

**Natércio:** As atividades começavam cedo. Às 5h, eu acordava, tinha meus momentos devocionais, tomava o desjejum e esterilizava os instrumentos. Depois, fazia a ficha do pessoal que seria atendido na área de odontologia. Às vezes, o trabalho começava às 8h e terminava somente às 13h. O almoço era rápido, porque, em seguida, havia o atendimento às pessoas que esperavam por consulta médica. Quando terminavam essas atividades, passávamos ao atendimento espiritual, realizando cultos de adoração e reuniões evangelísticas. Certo dia, depois de ter atendido pessoas durante a manhã, rumamos para

alcançar outro ponto de pregação. No trajeto, o rio fluía rapidamente, e a pequena canoa alagou, molhando os equipamentos e as poucas roupas que eu levava. Assim mesmo, chegamos ao destino. Naquela noite, fazia muito frio e eu não tinha nenhuma roupa seca para trocar. Extraí dentes até às 23h e dormi na rede molhada, pois não havia outro lugar para isso. Às três horas da madrugada, percebi que minhas pernas não se moviam e gritei por socorro. Quando as pessoas chegaram para me ajudar, vi que meu corpo estava cheio de manchas roxas. Uma senhora fez massagens com azeite morno no meu corpo e, em seguida, me levaram para perto de uma fogueira. Aproximadamente às 7h, consegui urinar, mas a urina estava muito vermelha. Voltei à lancha e tomei a medicação necessária para os rins. Deus ajudou em minha recuperação e continuei a viagem.

**Ministério:** *De que maneira o senhor conciliava o atendimento ao povo com o trabalho de evangelização e a implantação da mensagem adventista em novos lugares?*

**Natércio:** Na verdade, esse era um desafio que enfrentávamos. Cada região tem suas dificuldades, mas se nos colocamos nas mãos de Deus, Ele nos ajuda a superá-las. Trabalhar com índios foi uma experiência inesquecível. Com a tribo Danís foi um pouco mais fácil. Por sua vez, os Canamarís ofereceram maior resistência. Visitei-os por quatro vezes, sem nenhum sucesso. O irmão Vicente Taveira era na época o tradutor daquela tribo. Sem perceber nenhuma resposta por parte dos índios, falei-lhe sobre o provável insucesso na abordagem àquele grupo, ao que ele me perguntou: “Acaso, não será por causa de sua roupa?” Então, passei a pregar vestindo bermuda, descalço e sem camisa. A partir de então, a porta foi aberta para a mensagem do amor de Jesus naqueles corações. Finalmente, foram batizados

o pajé e mais 92 índios. Era preciso contextualizar nossa linguagem e práticas, a fim de podermos incutir neles os princípios cristãos. Por exemplo, naquela ocasião, eles não conheciam dinheiro e não entendiam a dinâmica dos dízimos e ofertas. Ensinei-lhes que, de cada dez dias trabalhados, um dia pertencia a Deus e para Ele devia ser reservado. Assim, todas as vezes que eu chegava, eles haviam separado o fruto do décimo dia. O produto era comercializado na cidade, e o resultado era levado para o escritório da Missão.

**Ministério:** *Relate uma experiência que considerou marcante, em seu trabalho.*

**Natércio:** Certa ocasião, no fim de um trajeto no rio Xeroã, aproximadamente às 19h, vi a luz de uma lanterna sinalizando em direção à lancha. Tratava-se de uma mulher que pedia socorro para seu marido que estava morrendo. Entramos na casa e prestamos os primeiros socorros àquele

*“Tudo o que temos dado de nós mesmos ao Senhor é o mínimo, em comparação ao melhor que Ele nos tem dado”*

homem. Ele estava com febre muito alta, tinha o corpo inchado e praticamente em putrefação havia 40 dias. De acordo com o relato da esposa, ele havia tomado uma injeção e, desde então, se encontrava naquelas condições. Quando amanheceu o dia, fiz dois cortes nas costas e nos braços, e muita impureza foi extraída. Cheguei a pensar que ele não sobreviveria. Propus levá-lo à cidade mais próxima, numa viagem de três dias, mas a família não aceitou porque o homem queria morrer em casa. Feitos os curativos, a esposa foi orientada para fazer a troca deles, e foi receitado um medicamento oral. Falei para a esposa que

o medicamento mais eficaz, naquele caso, era a presença de Deus na vida daquele homem e da família. Orei e nos despedimos. Alguns meses depois, passando por aquele lugar, encontrei o Sr. João Esaú, curado e trabalhando. Abraçamo-nos e ele pediu que fosse batizado. Naquele mesmo dia, ele e outros cinco membros da família receberam o batismo. João Esaú ficou com cicatrizes no braço e tem parte do corpo ressequida. Mas teve a vida dele e da família restaurada pelo Espírito Santo.

**Ministério:** *Quais são seus planos de vida pastoral?*

**Natércio:** Estou me aproximando da jubilação. Porém, não pretendo deixar de trabalhar para Deus. Hoje, o trabalho com lanchas está limitado a ações esporádicas realizadas nos arredores de Manaus, por três lanchas. Mas, construí um barco, com recursos próprios, e meu plano é viajar visitando os povos ribeirinhos, plantando igrejas em lugares sem presença adventista e conquistar mais pessoas para Cristo. O trabalho do pastor é interminável. Embora eu tenha a certeza de que, dentro das minhas limitações humanas fiz meu melhor, também sei que ainda há muito por fazer. Este é o trabalho que Deus me deu. Enquanto eu viver, continuarei fazendo isso.

**Ministério:** *Que mensagem gostaria de dar aos leitores da revista?*

**Natércio:** É importante ter em mente que o pastor existe para servir, e sempre há pessoas necessitando ser servidas. Há sempre uma tarefa para cada um de nós, em algum lugar. Meu grande temor é não conseguir realizar todo o trabalho que ainda me espera. Fomos chamados para o trabalho mais importante do mundo. É um trabalho de alcance eterno. Por isso, precisamos viver em comunhão com Deus.



# Zípora, a voz do silêncio

*Uma mulher que escolheu esconder o rosto no anonimato  
para que o rosto de seu esposo brilhasse*

**O** nome Zípora significa “pássaro”. Como um pássaro, ela era furtiva. Ao contrário de um pássaro, era silenciosa. Zípora foi uma mulher por trás de um marido esplêndido, chamado Moisés. Ela desempenhou um papel fundamental na transformação de um homem efusivo e impulsivo, que havia conhecido no deserto, em um líder formidável que conduziu Israel do cativo egípcio para as fronteiras da terra prometida. Temos alguns indícios de que, em grande medida, o êxito de Moisés foi devido à disposição calma e doce que sua esposa conselheira e tranquila compartilhou com ele na maior parte da vida.

A Bíblia diz pouco sobre Zípora. Os cinco livros de Moisés contêm apenas três alusões claras e breves a ela (Êx 2:21, 22; 4:18, 24-26). Nessas poucas referências, apenas uma descreve Zípora em função de liderança. Por que Moisés não escreveu mais sobre ela? Acaso sua contribuição mais importante foi o silêncio?

Moisés tinha um caráter impulsivo, temperamento explosivo, era um homem orgulhoso. Uma pessoa assim poderia ser o líder que Deus procurava para realizar a grande tarefa de libertar Seu povo? Deus escolheu o modo de transformar Moisés, permitindo que ele deixasse as cortes reais egípcias e fosse para o deserto, a fim de desaprender o que havia aprendido nas salas da aula da Universidade do Egito. Entre as primeiras lições que teve que aprender estavam as da paciência e da humildade. Nenhuma característica é tão importante na liderança quanto ser paciente com os problemas, sonhos e costumes das pessoas, e demonstrar pelo exemplo atitude de servo. Moisés passou por essa transformação e, mais tarde, o Senhor lhe prestou uma grande homenagem:

“Ora, Moisés era um homem muito paciente, mais do que qualquer outro que havia na Terra” (Nm 12:3).

Por meio de quem Deus ensinou a Moisés lições de humildade e paciência? Quem mudou Moisés? Acaso teria seu orgulho sido abatido pelo deserto? Certamente, a geografia e as tarefas como pastor suavizaram seu ímpeto. Porém, mais importantes nesse processo são as relações humanas. Elas desempenham papel eficaz em abrandar o caráter e fortalecer os propósitos na vida das pessoas. Pesquisa recente mostrou que certos componentes sociais relacionais, como empatia, trabalho em equipe, compartilhamento de objetivos, planos e expectativas, estão estatisticamente associados com as mudanças de personalidade.<sup>1</sup> Tais componentes influenciam a pessoa a encarar os problemas de forma desapaixonada, com cuidado e calma.

Moisés tinha alguém para incutir essas habilidades sociais e traços de personalidade em sua vida. Sua paciente, serena e gentil esposa, Zípora. Para cumprir a grande tarefa de liderar, organizar e ensinar aquela nação, era fundamental ter em casa uma voz calma e suave. Foi em casa, com Zípora, que Moisés aprendeu as disciplinas da paciência, moderação, contenção, discrição e obediência a Deus, entre outras lições essenciais para a liderança espiritual eficaz.

## **Primeiro, Deus**

Depois de 40 anos em Midiã, Moisés e sua família foram para o Egito, cumprir a missão recebida de Deus (Êx 3). No caminho, houve um evento dramático e inesperado. Moisés sofreu uma doença reconhecida como castigo de Deus por não ter cumprido o mandamento relativo à circuncisão de Eliezer, seu filho.

Deus manifestou Sua ira, e Zípora soube como agir na situação. A experiência de apaziguar Moisés durante tantos anos ajudou-a a tomar a atitude correta. Além disso, ela assumiu a responsabilidade e negligenciou um costume (os midianitas viam a circuncisão como ato cruel e brutal).

Em atitude corajosa, ela pegou uma pedra afiada e, sem hesitação, realizou uma cirurgia sem anestesia – a de cortar o prepúcio de seu primeiro filho – mostrando-se ousada e decidida. Deve ter sido uma cena impressionante vê-la com as mãos sujas de sangue, falando para o marido, em tom mais alto que a gritaria do filho, enquanto jogava a seus pés o pedaço de pele escorrendo sangue. “Você é para mim um marido de sangue!” (Êx 4:25).

O sangue dos sacrifícios oferecidos a Deus purifica e salva os seres humanos. Esse ritual sangrento com o filho salvou a vida de Moisés, que, por sua vez, renovou seus votos conjugais com Zípora. Ela executou o ministério de intercessão e reconciliação com Deus. Anos mais tarde, Moisés exerceu o mesmo ministério de intercessão: em duas ocasiões, ele esteve pronto a dar sua vida a Deus, a fim de salvar o povo da idolatria e rebelião (Êx 32:10-14; Nm 14:10-20).

### A face oculta

Em Êxodo 18, encontramos uma sugestão que pode lançar luz sobre as características ocultas de nossa heroína. Após alguns anos de separação, Jetro levou Zípora com os dois filhos para o acampamento de Israel. A última vez que os vimos foi no caminho para o Egito. Agora descobrimos que “Moisés tinha mandado Zípora, sua mulher, para a casa de seu sogro Jetro, que a recebeu com os seus dois filhos” (Êx 18:2, 3). Por que ele fez isso? Devemos lembrar que Moisés e seu irmão, Arão, tinham negociado com a corte de Faraó, e Miriã os estava apoiando como líder entre as mulheres. É possível que Zípora tivesse percebido que ela não era muito bem aceita na família do marido, pois era uma estrangeira de pele escura. Provavelmente, ela escolheu partir, em vez de produzir discórdia em momentos críticos.

Zípora e os filhos chegaram ao acampamento. Moisés não os tinha visto havia algum tempo. Ele estivera muito ocupado, tirando Israel do Egito. Quando soube que a família estava chegando para se unir a ele, teve a seguinte reação: “Saiu ao encontro do sogro, curvou-se e beijou-o; trocaram saudações e depois entraram na tenda” (v. 7). Lá, eles continuaram a falar amigavelmente, enquanto Zípora e as crianças permaneceram do lado de fora, em silêncio, sob a indiferença de Moisés. Seria o caso de se pensar que uma omissão desse tipo fosse resultado de um plano premeditado, secreto? Mas, que plano? Por que Zípora não devia ser mencionada?

Um fato digno de nota é que esse encontro aconteceu antes da importante reorganização social, política e legal de Israel, durante o Êxodo. No dia seguinte à chegada

da família, Jetro aconselhou Moisés a compartilhar responsabilidades de liderança, agrupando as pessoas em jurisdições organizadas hierarquicamente, com seus respectivos juízes. Desse modo, Moisés poderia resolver os principais conflitos que exigiam sua intervenção. As sugestões foram aceitas (v. 24).

Acaso existe alguma ligação entre essa reformulação administrativa e Zípora? De acordo com Ellen G. White, foi ela quem propôs a ideia. “Quando Zípora se reuniu a seu povo no deserto, viu que os encargos dele [Moisés] lhe estavam esgotando as forças, e deu a conhecer seus temores a Jetro, que sugeriu medidas para o aliviarem. Nisso estava a principal razão da antipatia de Miriã para com Zípora.”<sup>2</sup> É difícil imaginar que uma grande transformação organizacional proposta por uma mulher – para não mencionar uma estrangeira – teria sido facilmente aceita. Porém, foi aceita, porque a ideia foi apresentada pelo seu pai, Jetro, homem respeitável com investidura sacerdotal da linhagem de Abraão.

Embora outros pudessem não ter percebido a conexão “Zípora-Jetro” na ideia proposta, Miriã detectou a origem da reorganização implementada por Moisés. O problema foi que essa atitude afastou Arão e Miriã do poder que ambos detinham. Eles tinham privilégios no sistema anterior. Desde então, seu trabalho seria reduzido a questões menores.

Zípora escolheu o destino do silêncio, mareada por uma personalidade misteriosa e quieta. Preferiu se ocultar sob a máscara do silêncio, escolhendo a estratégia de ser a segunda. Escolheu esconder o rosto no quase anonimato, de modo que a face de seu esposo brilhasse com clarões ofuscantes. Zípora caminhou cautelosamente escondida, na missão assumida por ela. Não vemos a presença dela, mas podemos ver suas impressões digitais, algumas delas escritas com sangue.

Diante da febre da “visibilidade”, própria da natureza humana, é quase inacreditável pensar nessa mulher silenciosa, que estava tentando fugir do prestígio da atenção para viver discretamente. Zípora optou por uma existência na qual preferiu esconder seu destino por trás de sua biografia. Sua humildade e grandeza, certamente, são um exemplo. Ela permanece como modelo de liderança em silêncio. ▀

### Referências:

<sup>1</sup> Ver J. Norcross, *Psychotherapy Relationships that Work* (Oxford University Press, 2002).

<sup>2</sup> Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 384.



Secretário ministerial da  
União Sul da Geórgia,  
Estados Unidos

# Casamento *versus* trabalho

*Como estabelecer limites entre ministério pastoral e a vida familiar*



**D**urante os primeiros dez anos do meu ministério, fui um excelente pastor e péssimo esposo. Negligenciei minha esposa. Transferia para as babás minha responsabilidade de acordar meus filhos, ou brincar com eles. Eu liderava bem minha igreja, porém, não estava presente como líder do meu próprio lar. Meu ministério entrou no caminho do meu casamento.

Lembro-me de uma chuvosa noite de sexta-feira, aproximadamente às 22h, quando minha filha fez dez anos. Minha esposa tinha ido levar algumas crianças para casa, depois de uma pequena reunião em nosso lar. Sem que ela tivesse chegado em casa, um ancião foi me buscar para irmos a um retiro espiritual da igreja. Ele chegou pedindo que eu me apressasse, porque o povo estava esperando por mim. Minha presença era *necessária* naquele acampamento.

Assim, repentinamente me achei na encruzilhada em que devia decidir entre esperar até que minha esposa chegasse ou deixar minha filha sozinha. Fiz a escolha errada. Dei um cobertorzinho para Vanessa, coloquei um filme no vídeo, beijei-a, e fui embora.

Não demorou muito, irrompeu uma tempestade. Relâmpagos, trovões, árvores caindo, vento forte soprando, pingos batendo com força na janela. Minha esposa estava parada na estrada, durante uma hora, com uma árvore caída à frente do seu carro. Minha filha estava sozinha em casa. Para complicar ainda mais, faltou energia. Em vez de ser ajudada por seu pai e ser por ele consolada com a esperança de que tudo terminaria bem, ela estava sozinha em uma grande casa vazia, num

momento assustador. Enquanto isso, o pai estava cumprindo responsabilidades pastorais.

## A família na igreja

Outro erro que cometi foi usar minha família para conquistar alvos ministeriais pessoais, envolvendo-a sempre em coisas que mais tinham que ver comigo do que com ela. Acredito no envolvimento da família no ministério, de acordo com os dons da esposa e dos filhos, mas eu precisava aprender a ser mais encorajador do que cobrador. Integre sua família de acordo com os dons que lhe foram dados pelo Senhor; não conforme seu plano de trabalho nem segundo a vontade da igreja. Respeite os “nãos” que a família dirá.

Deixe sua família na melhor igreja do distrito. Permita que seus filhos desenvolvam relacionamentos.

As pessoas poderão acusar você de ter preferência por alguma igreja, mas lembre-se de que seu trabalho não é mostrar boa aparência, mas colocar a família no Céu.

Sempre que eu chegava a uma nova igreja, tratava de colocar no lugar certo as expectativas quanto a meus filhos. Dizia à comissão da igreja algo como isto: “As crianças do pastor são justamente isso, crianças. Não têm poderes sobrenaturais, portanto não se pode esperar que sejam supercristãs. Ame-as, nutra-as, de modo que continuem desejando ser cristãs quando crescerem.” Fui abençoado por ter tido igrejas que amaram e afirmaram meus filhos. Isso criou um quadro de graça e aceitação que permanece até hoje. Infelizmente, nem sempre esse é o caso, mas você pode evitar problemas conversando cedo e frequentemente com a igreja.

Aqui estão os princípios que me ajudaram. Talvez possam ajudar você também, no trato com os filhos.

**Filhos são livros para ser lidos, não para ser escritos.** Meu trabalho inclui a descoberta de como Deus os fez como são, e tirar o melhor que existe neles, sem forçá-los a ser algo que não são. Isso não significa que eu aceite a mediocridade ou não deva encorajá-los a dar o melhor de si. Significa que eles sabem que esperamos grandes coisas deles e os amamos, mesmo que não alcancem todo o seu potencial. Para mim, isso é o que Deus faz conosco, e se chama graça.

**O maior presente que eu posso dar a meus filhos é amar a mãe deles.** Assim, darei todos os passos necessários para fazer exatamente isso. Quero que meus filhos vejam que podemos discordar de alguém sem largar a mão desse alguém.

**Escolherei as batalhas certas.** Traçarei limites, mas serei muito cuidadoso quanto a me afogar em um copo com água. Não farei com que meus filhos sintam que são menos espirituais, somente porque uma vez na vida comeram um pedacinho de frango; nem porque usaram

maquiagem discreta ou vestiram jeans. Na adolescência, meu filho preferia ir à igreja vestindo jeans. Não fizemos nenhum espalhafato. Embora deixássemos clara a nossa preferência, a ele cabia decidir. Ele ficou adulto, hoje usa gravatas e, às vezes, suspensórios. Faz isso por conta própria.

### Ministério pela família

Minha família é meu ministério. Não estou dizendo que serei ocioso, negligente em meu trabalho. Mas não posso desprezar a família. Descobri que, se escolhermos o essencial, Deus cuidará do urgente. Aliás, no momento em que decidi ser um verdadeiro esposo e pai, minha igreja cresceu mais.

Certa ocasião, minha filha estava participando de um torneio de basquete. Considerando que o time dela quase nunca vencia, marquei uma reunião para uma segunda-feira, às 19h, a fim de tratar de um assunto do qual nem me lembro. Mas o problema foi que eles venceram os jogos eliminatórios, classificando-se para a disputa final às 16h. Então, deparei-me com o seguinte dilema: Ficaria para assistir à partida final, ou voltava para a reunião? Eu estava à uma hora distante de nossa casa. Caso eu voltasse, deveria tomar banho e me trocar, então dirigir, num tráfego intenso, mais uma hora até o local da reunião.

Quando minha filha perguntou se eu ficaria, respondi: “Sim!” Então, comecei a usar o conhecido filtro: “É importante ou urgente?” “É bom ou é o melhor?” “É permanente ou temporário?” Fiquei. O fator decisivo para isso foi a pergunta que fiz a mim mesmo: Em 20 anos, minha filha se lembrará de que seu pai a viu jogar ou se sentirá desapontada porque ele novamente a deixou sozinha para assistir a uma reunião sobre um assunto que certamente não tinha grande importância? Felizmente, o time da minha filha venceu. Voltei para casa, tomei banho, dirigi na velocidade limite e ainda cheguei

para a reunião com 15 minutos de antecedência.

A grande diferença entre o ministério pastoral e outras atividades profissionais é que no ministério você trabalha “para Deus”. É mais fácil justificar na própria mente a negligência da família, porque, afinal, seu trabalho tem consequências eternas. Um dos desafios de ser pastor é nunca ter uma linha de chegada. Você é pastor 24 horas durante sete dias. Portanto, seja intencional quanto aos seguintes pontos: Dê à sua família o espaço dela. Respeite os dias livres. Insista na prática de tomar um dia livre.

### Retiro para nós

Evidentemente, haverá imprevistos e emergências que precisam ser atendidos. Mas, se você não for cuidadoso, organizado e intencional, o trabalho pode controlar sua vida, empurrando para fora outras áreas igualmente importantes.

Certa ocasião, minha esposa me disse: “Querido, nós estamos sempre fazendo retiros de fins de semana e pregando mensagens sobre família. Por que não fazemos um retiro nosso, não para pregar, mas para aprender e crescer?” Grande ideia! Agendei um fim de semana exclusivamente para nós dois. Simplesmente 72 horas de enriquecimento matrimonial. Naquele fim de semana, tomamos duas importantes decisões: aumentar a frequência de nossos diálogos em família; jejuar e orar por nossos filhos, uma vez por semana. Nossas crianças e adolescentes necessitam muito das nossas orações.

Depois que seus filhos crescerem e deixarem a casa, quando chegar à aposentadoria, você e a esposa continuarão juntos. Então, invista em seu casamento. Por mais que nem sempre queiramos pensar nisso, a igreja tem sobrevivido há muito tempo, sem nós, e sobreviverá depois que tivermos ido embora. Por outro lado, enquanto a morte não nos levar, nossa família não pode sobreviver sem nossa presença. ▀



Pastor e administrador, jubilado, reside em Bruxelas, Bélgica

# Júbilos e desafios da jubilação

*O período da aposentadoria será o que você permitir que ele seja. Veja como desfrutá-lo*

**A**posentei-me alguns anos atrás. Em meu país, as regras são claras: Se alguém completa 65 anos, espera-se que tenha cumprido seu tempo de trabalho, o que também coincide com o regulamento da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Assim, tornei-me jubilado depois de mais de 40 anos de trabalho para minha Igreja em diferentes países.

Portanto, o que vou dizer pode ajudar você que está prestes a se aposentar ou já se aposentou no pastorado. Não sei até que ponto minha experiência tipifica a realidade de outros, mas pressuponho que deve haver alguma semelhança.

Para alguns, a ideia de aposentar-se soa como música celestial. Finalmente, chega o tão esperado momento. Então, vão poder aproveitar o tempo como melhor lhes parecer: com a esposa, com os filhos e, principalmente, com os netos. Vão desfrutar o prazer de morar numa casa que sempre desejaram ter. Assim começa o período de jubilação.

## A mudança

Esses sonhos podem ser verdadeiros; embora, frequentemente permaneçam apenas como sonhos, por várias razões: pode haver problemas de saúde, impossibilidade de comprar a casa dos sonhos, os filhos moram longe. Você pode não ser tão feliz quanto imaginou, porque também efetivamente perde a interação social ligada ao trabalho. As economias da jubilação podem não ser suficientes para viver como se vivia anteriormente. Assim que me aposentei, fomos morar em um confortável apartamento numa agradável cidadezinha. Embora eu continue ativo (mais do que imaginei), devo admitir que fui obrigado a fazer alguns reajustes para poder viver com um salário menor.

Tenho achado muito difícil fazer a transição, embora ela não tenha sido tão drástica para mim como tem sido para outros. Ainda estou envolvido com muitos compromissos da igreja, prego na maioria dos

sábados, faço algumas palestras e escrevo, sou convidado a apresentar seminários. Recentemente, tive que assumir temporariamente uma função administrativa. Ainda não caí no “buraco fundo” que alguns dizem ter caído, assim que deixaram o trabalho institucional. Porém, inquestionavelmente, nos últimos anos tenho sentido a perda de alguma coisa. Perdi o senso de envolvimento no corre-corre diário da igreja, como fiz durante anos, como presidente de União. Perdi o companheirismo dos colegas. Sim, perdi as mais recentes notícias denominacionais.

Para alguns, a jubilação os liberta do estresse. Perto do fim da vida ministerial, alguns começam a achar difícil cumprir as demandas do trabalho. Necessitam do repouso físico da aposentadoria, bem como de se distanciar da agitada rotina diária. Alguns têm atingido o limite do que podem dar, vivem cansados e a aposentadoria parece nunca chegar.

Entretanto, outros odeiam a ideia de aposentar. Ainda têm energia, mas não têm *hobbies* nem sabem o que fazer durante os dias, semanas, meses e anos que estão diante deles. A maioria de nós está entre as duas classes e pode ter sentimentos conflituosos quanto a essa mudança drástica.

### Um direito

Há alguns anos, a condição de aposentado era vista muito diferentemente de como a vemos hoje. No passado, a denominação reconhecia que, em algum ponto, os pastores poderiam ter que diminuir sua carga de trabalho e, em seguida parar completamente. Então, a igreja necessitava providenciar um meio de apoio. Portanto, os obreiros recebiam “ajuda de custo”, que parecia ser mais um gesto de compaixão, um favor, do que um direito. Em muitos lugares, esse apoio financeiro não era apenas muito baixo, mas também sujeito a várias restrições.

Às vezes, se alguém tivesse trabalhado menos que dez ou quinze anos, ou sem completar a idade para jubilação, não receberia nenhuma ajuda. Somente depois do assim chamado serviço “fiel”, a ajuda era concedida. Hoje, como regra, quase em todos os lugares do mundo, os obreiros denominacionais têm direito aos benefícios da aposentadoria. As praxes regulamentam esses

benefícios, e as incertezas do passado desapareceram.

A atitude da igreja em relação à aposentadoria também mudou em outros aspectos. Embora o pastorado seja uma vocação vitalícia, geralmente os membros e líderes da igreja reconhecem que uma pessoa que trabalhou por considerável período e alcançou certa idade, tem direito a uma nova fase de vida. As pessoas podem lamentar o fato de que seu pastor queira se aposentar, mas normalmente não lhe atribuem culpa.

O direito à aposentadoria deve ser considerado importante e ser respeitado. A igreja não deve fazer nenhuma pressão sobre o obreiro que deseja ser jubilado nem para que volte a trabalhar, caso tenha se adaptado à mudança. O que o jubilado fizer é escolha pessoal dele. Se ele parece feliz realizando algumas atividades na igreja, isso é bem-aventurança. Se escolher não participar de nada, que não seja condenado. Estar jubilado significa que você é senhor do seu tempo.

### Olhando para trás

Devemos ocupar o tempo da jubilação olhando para frente, para o futuro. Mas, inevitavelmente, olhamos ao nosso passado porque, em grande medida, continuamos a manter nossa identidade ligada ao que *fomos* e ao que *fizemos*. Entretanto,

o passado geralmente é um misto de coisas boas e ruins. Devemos aceitar o fato de que nem sempre fomos bem-sucedidos. Não devemos sentir mágoa pelo fato de que nem sempre alcançamos os alvos ou a função que esperávamos alcançar. Podemos sentir que nossos dons nem sempre foram devidamente reconhecidos pelos líderes. Podemos pensar que, por alguma razão, não tivemos tanto “sucesso” à semelhança de muitos colegas.

De qualquer modo, devemos estar decididos a não entrar para a jubilação com ressentimentos ou frustrações. Afinal, muita coisa boa também aconteceu enquanto trabalhávamos. Fomos uma bênção para muitas pessoas a quem ministramos. Fizemos muitos amigos e há muitas alegrias para lembrar. Depois de tudo, não somos os únicos a cometer enganos, e podemos estar certos da graça e do amor perdoador de Deus por nós, apesar de tudo.

Muitos de nós ficamos tristes porque os filhos se desviaram dos caminhos nos quais foram ensinados a andar e perderam a fé. Essa é uma das mais cruéis experiências. Devemos deixar isso com nosso Senhor. Se acaso falharmos em alguns aspectos – possivelmente por nos envolvermos tanto com a igreja que negligenciamos a família – devemos orar pelo perdão e continuar sem culpa.



Alguns obreiros jubilados começam a ter sentimentos diferentes em relação à igreja. Agora se sentem livres para dizer coisas que desejavam dizer, mas não podiam dizer quando trabalhavam oficialmente. Algumas vezes cessam todo envolvimento ativo, inclusive a assistência à igreja se torna irregular. Isso é crucial, pois indica que há uma necessidade de apoio pastoral aos aposentados. É uma atitude preocupante também porque definirá a maneira pela qual outros analisarão o passado do obreiro e porque pode tirar muito da alegria da jubilação. Um ministério exercido durante décadas pode ter sido uma experiência que eles *supportaram* e não *desfrutaram*.

De fato, quando o pastor aposentado perde o entusiasmo pela igreja, muitas pessoas ao seu redor são afetadas negativamente. Poucas coisas são tão desmotivadoras como quando um líder perde seu caminho.

### Convivendo com mudanças

Quando os obreiros estão em atividade, eles estão no meio das mudanças que ocorrem e podem até mesmo iniciá-las. Mas, ao se aposentarem, eles são removidos do centro das ações, de onde as mudanças são discutidas e efetuadas, ficando alheios quanto às razões que as motivaram. Regularmente encontro amigos aposentados extremamente críticos sobre certas mudanças. Não compreendem muitas coisas que veem. Acham que a igreja está tomando a direção errada, espantam-se diante de algumas decisões tomadas pelas comissões e abertamente criticam os pastores mais jovens.

De fato, nem todas as mudanças são boas. Porém, em geral, os obreiros aposentados devem relaxar quanto a isso. A igreja continuará mudando, quer queiramos quer não. Nossos colegas mais jovens realizarão mudanças constantemente, à medida que eles enfrentam novos desafios do ministério contemporâneo. Podemos ter nossas dúvidas e preocupações, mas nossa atitude

básica deve ser de apoio. E devemos resistir a qualquer impulso para interferir abertamente, ou organizar qualquer forma de protesto.

### Membros ativos

Há uma mudança que pode ser dolorosa, mas é inevitável. Muitos de nós tínhamos visibilidade na igreja por causa da função exercida. Depois da aposentadoria, algumas vezes podemos ser convidados a pregar ou a participar em outras reuniões. Mas, estamos preparados: isso nem sempre acontecerá. Depois de algum tempo, as pessoas que nos convidavam não estarão mais nos cargos e seus sucessores nem nos conhecem. Ou gradualmente podemos deixar de ser o orador mais procurado, porque (talvez imperceptivelmente) já não mostramos o mesmo grau de originalidade nem a mesma energia de antes. Ouçamos as pessoas que tentam nos dizer que nosso tempo passou, e estejamos certos de parar antes que elas comecem a dizer às nossas costas que não mais devemos ser convidados a pregar.

Entretanto, há um aspecto importante que nunca devemos perder de vista. Permanecemos pastores, mesmo se não recebemos convites para atividades públicas. Como pastores ordenados, podemos ser solicitados a realizar uma cerimônia de casamento, batizar alguém com quem tenhamos laços especiais, officiar a Ceia do Senhor. Fora isso, nossa função pública chegou ao fim.

Entretanto, somos não apenas pastores, mas também membros da igreja. Todo membro da igreja tem um chamado a ser ativo e usar o melhor de seus talentos na medida em que tenham disposição física e tempo. Sempre existe um lugar em que alguém aposentado pode ser útil e ser membro ativo do corpo de Cristo.

### Divirta-se

Embora nem todos tenhamos um longo período de jubilação com boa saúde, muitos terão. Se estamos nessa categoria, vamos aproveitar o

melhor disso e fazer as coisas de que gostamos. Temos todo o direito de dizer “não” a certos pedidos e demandas, embora alguns achem difícil fazer isso. Não temos que estar ocupados todo o tempo. Devemos desfrutar a companhia de nosso cônjuge o máximo possível. Devemos desfrutar nosso lar, nossos *hobbies* e livros. Devemos cultivar nossas amizades e ser ativos na igreja local. Devemos nos aposentar alfabetizados em computação e encontrar meios de desenvolver nossas habilidades digitais. E-mails, *Skype*, *Facebook* e outros instrumentos da internet são excelentes para que jubilados se mantenham atualizados e em contato com familiares, amigos e a igreja.

Mas, acima de tudo, cuide da vida espiritual. Os melhores anos de crescimento espiritual estão adiante. Você pode ter oportunidade de ler e estudar como nunca antes. Você terá tempo de escrever aquele livro que sempre desejou escrever.

Mais uma coisa: Cuidem-se um do outro, você e seu cônjuge. Conte as bênçãos. Um dia, um dos dois será retirado, deixando o outro sozinho. Permaneça ligado aos amigos e colegas que já passaram por essa experiência. Ore por eles. Faça o possível para amenizar a solidão deles. Quando chegar sua vez, pode esperar o mesmo amor e atenção de outros. Todos nós sabemos que a vida é finita. Constantemente a aposentadoria nos lembrará disso. A morte chegará para todos nós, cedo ou tarde. Mas, enquanto Deus nos concede vida, façamos dela o melhor, especialmente nos anos da jubilação.

Se formos abençoados para viver até os anos da aposentadoria, enfrentaremos alguns novos desafios e novas alegrias. Como acontece em todo novo estágio da vida, confrontaremos coisas além do nosso controle. Mas a questão crucial é a atitude que teremos diante delas. Sua jubilação será o que você permitir que seja. Permita que o Senhor o ajude a torná-la frutífera e o mais recompensadora possível. ▀



Professor na Faculdade de Teologia do Ilaene, Cachoeira, BA

# Combate, carreira e fé

*“As maiores vitórias da igreja de Cristo, ou do cristão em particular, [...] são ganhas na sala de audiência de Deus”*

**N**a década de 90, li um texto que me chamou a atenção. Nesse artigo, o autor comentou que Deus não está tão interessado em achar pessoas profundamente intelectuais como está interessado em achar pessoas espiritualmente profundas. Isso me fez lembrar das palavras encontradas em outro livro que li: *A Celebração da Disciplina*, de Richard Foster. O comentário feito por esse autor é o seguinte: “A superficialidade é a maldição de nosso tempo. A doutrina da satisfação instantânea é, antes de tudo, um problema espiritual. A necessidade urgente hoje não é de maior número de pessoas inteligentes, ou dotadas, mas de pessoas profundas.”<sup>1</sup>

De fato, quando o conhecimento não é colocado em prática, ele apenas ensoberbece. Com isso, quero dizer que devemos evitar aquilo que, a meu ver, pode ser a maior tragédia do pastor: Falar de sentimentos que ele não experimenta, de pensamentos que ele não alimenta e de uma vida que ele não vive.

## Motivação

Por que trazer isso à tona? Simplesmente porque precisamos refletir sobre qual pode ter sido a nossa motivação para ingressar no ministério pastoral. Acaso, teria sido o anseio pela construção de um nome que será lembrado na posteridade? Seria a expectativa de obter sucesso? Fama? Popularidade? Devo compartilhar as sábias palavras de um pensamento que li em algum livro *Meditações Diárias*: “A fama é um vapor; a popularidade, um acidente; as riquezas criam asas; os que se alegram hoje chorarão amanhã; apenas uma coisa permanece: o caráter!” Conforme afirmou o escritor e psicólogo Paul Tournier, “tome cuidado para não ter o sucesso como referencial da genuína direção de Deus. Isso envolveria uma visão infantil da vida cristã, em que a cruz terá sido eliminada.”<sup>2</sup>

Continuo perguntando a mim mesmo: O que nos teria trazido ao santo ministério? Seriam nossos talentos? Chegamos a ele porque acreditamos ter habilidades que poderão ajudar a igreja

no cumprimento de sua missão? Por mais nobre que seja esse pensamento, não acredito que a motivação esteja correta. Vêm-me à lembrança estas palavras inspiradas: “As maiores vitórias da igreja de Cristo, ou do cristão em particular, não são as que são ganhas pelo talento ou educação, pela riqueza ou favor dos homens. São as vitórias ganhas na sala de audiência de Deus, quando uma fé cheia de ardor e agonia lança mão do braço forte da oração.”<sup>3</sup>

Queremos ser lembrados pela posteridade? Sejamos homens de oração! É nosso desejo realizar grandes coisas? Sejamos homens de oração! Porém, que os padrões divinos sejam o critério pelo qual mediremos as grandes realizações.

## Chamados para morrer

Wycliffe, João Huss, Jerônimo, William Tyndale, Herrezuelo e tantos outros heróis da Idade Média, na Inglaterra, Suíça, Holanda, Espanha, Alemanha e nos lugares remotos da Terra, foram mortos na fogueira porque levaram às últimas consequências sua fidelidade ao chamado!

Quem se atreveria a dizer que eles não obtiveram sucesso em seu ministério? Absolutamente, ninguém! Nas palavras do famoso teólogo alemão, Dietrich Boenhoeffer, “A cruz é imposta a cada crente. O primeiro sofrimento de Cristo, ao qual ninguém escapa, é o chamado que nos convida para fora das vinculações com o mundo. É a morte do velho ser humano ao se encontrar com Jesus Cristo. Quem entra no discipulado se entrega à morte por Jesus, expõe à morte a própria vida... Quando Cristo chama um homem, Ele o manda vir para morrer.”<sup>4</sup>

É também muito oportuna a reflexão feita por John Wesley a respeito das habilidades que ele considerava mais necessárias ao pastor: “Como alguém que se esforça para explicar as Escrituras a outras pessoas, tenho o conhecimento necessário para que ela possa ser luz nos caminhos dessas pessoas?” Ao ouvir algum texto, conheço seu conteúdo e seus paralelos? Entendo a linguagem do Novo Testamento? Tenho domínio sobre ela? Se não, o que fiz durante todos esses anos? Conheço meu próprio ofício? Tenho considerado profundamente meu caráter diante de Deus? O que significa ser embaixador de Cristo, enviado pelo Rei dos Céus?

“Conheço o suficiente da história secular, de modo a confirmar e ilustrar o sagrado? Tenho conhecimento adequado a respeito do mundo? Tenho estudado as pessoas, e observado seus temperamentos, máximas e costumes? Se eu for deficiente nas capacidades mais básicas, não deveria me arrepender frequentemente dessa falta? Quão frequentemente tenho sido menos útil do que poderia ter sido?”<sup>5</sup>

## A sós com Deus

Parece haver alguma distância entre a experiência dos heróis cristãos do passado e os cristãos de hoje. De fato, o cristianismo tem sido assolado pelo que alguns chamam de ateísmo cristão. Enquanto ateus dizem que Deus não existe e agnósticos apenas admitem a possibilidade da existência de Deus, cristãos vivem como se Ele não existisse.

Pior que isso, é quando, numa inconcebível inversão de valores, o pastor se diz tão ocupado com a missão, que já não tem tempo para viver um relacionamento de amor e companheirismo com Aquele que o comissionou.

Quando achamos que somos ocupados demais para orar, devemos atentar para a confissão de Henry Nowen, padre holandês que, no fim da vida, percebeu ter colocado às avessas seus deveres para com Deus. Ele afirmou: “Talvez eu falasse mais sobre Deus do que com Deus. Talvez a tarefa de escrever sobre a oração me impedisse de levar uma vida de oração. Talvez estivesse mais preocupado com os elogios de homens e mulheres do que com o amor de Deus. Talvez estivesse lentamente ficando prisioneiro de expectativas alheias, em vez de ser alguém libertado pelas promessas divinas.”<sup>6</sup>

Nenhum de nós deve negligenciar aqueles momentos a sós, em que sentimos que o Universo inteiro está impregnado da presença de Deus. E, como uma inundação de luz, chegamos a doce impressão de que não há mais no mundo ninguém além de nós e Deus. Então, confessamos a Ele que O amamos com todas as nossas forças, e apesar de nossas fraquezas. Que nEle nos refugiamos e nos fortalecemos. Que nos vemos em Seus olhos e pensamentos, mesmo que, às vezes, não mais do que através de uma luz turva, estonteante e perturbadora; porém, prenúncio de um fulgor inefável, indescritível e envolvente!

Nesses momentos de profunda reflexão, percebemos que a vida pastoral é cheia de alegrias, mas também repleta de cuidados. Conduzir pessoas a Cristo, discipulando-as e batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, é uma experiência que não tem preço. Mas também há lutas, provas, abnegações e desprendimentos.

## Cruz e coroa

Diante disso, devemos refletir: Quem dentre nós terá a coragem missionária de Abraão partindo para o desconhecido a fim de desfaldar a bandeira do verdadeiro Deus? Quem terá o

desprendimento de Ester, numa hora de crise, em defesa do povo de Deus: “Se eu perecer, pereci”? Quem intercederá pelo povo, à semelhança de Moisés: “Agora, peço-Te, perdoa o seu pecado; ou, senão, risca-me do livro que escreveste”? Quem pranteará compulsivamente pelos pecados da nação, como Jeremias? Quem obedecerá às ordens mais estranhas de Deus, como fizeram Oseias, Noé e outros? Quem suplicará poder, com a insistência de Jacó: “Não Te deixarei ir enquanto não me abençoares”? Quem se levantará como Pedro, apelando poderosamente: “Arrependam-se e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados”? Quem, à semelhança do apóstolo da graça, considerará todas as perdas como lucro, por amor de Cristo?

Por meio do profeta Jeremias, Deus disse: “Eu vos darei pastores segundo o Meu coração, que vos apascentem com conhecimento e com inteligência.” Somos nós esses pastores? Todos os heróis da fé tiveram por maiores riquezas o opróbrio de Cristo do que os tesouros deste mundo, porque tinham em vista a recompensa eterna. Nenhum sofrimento em favor de Cristo pode ser considerado vão. No fim de um ministério vitorioso e frutífero, o apóstolo Paulo revelou ter firme consciência desse fato. São estas as suas palavras: “Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé. Agora me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amam a sua vinda” (2Tm 4:7, 8). Ele depôs a cruz, trocando-a por uma coroa de glória imarcescível no dia de Cristo. Essa deve ser nossa experiência. ▮

## Referências

- <sup>1</sup> Richard Foster, *Celebração da Disciplina* (São Paulo; Editora Vida, 1983).
- <sup>2</sup> Paul Tournier, *Culpa e Graça* (São Paulo; ABU Editora, 1998).
- <sup>3</sup> Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, 139.
- <sup>4</sup> Dietrich Bonhoeffer, *Discipulado* (São Leopoldo, RS: Sinodal, 1980).
- <sup>5</sup> Craig, in William Lane, *Apologética Para Questões Difíceis da Vida* (São Paulo; Editora Vida Nova, 2010), p. 16.
- <sup>6</sup> Luci Shaw, in Henri Nowen, Philip Yancey e James Calvin Chaap (organizadores) *Muito Mais que Palavras* (São Paulo; Editora Vida, 2005), p. 63.



Professor no Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos

# O pastor e sua vocação

*Teólogo reflete sobre o fundamento bíblico para a origem e o desenvolvimento do chamado pastoral*

**Q**uem define a visão vocacional para o ministério pastoral? É a denominação que emprega o pastor? A comissão da igreja à qual ele serve? Acaso, são os requerimentos do momento – pregação, formação de pequenos grupos, plantio de igrejas? A grande comissão? Ou é Aquele que deu a grande comissão?

O propósito deste artigo é estabelecer um fundamento bíblico para uma visão pastoral. Definir uma visão bíblica para o pastor no desempenho de sua vocação é uma tarefa ambiciosa. Talvez um bom modo para começar é analisar o relacionamento entre Paulo e Timóteo, um líder pastoral em desenvolvimento. Porém, inicialmente vamos refletir sobre alguns pensamentos a respeito do desenvolvimento da vocação pastoral.

## **Formando a visão vocacional**

De acordo com Peter F. Ducker, no mundo dos negócios, todo aspirante

a líder empresarial necessita ter uma imagem mental do propósito da existência de sua organização, entender por que isso é importante, e ter bem clara a maneira pela qual ele pode contribuir para o crescimento dessa organização. Somente essa visão pode fazer a empresa prosperar.<sup>1</sup> Semelhantemente, os pastores devem ter na mente um claro conceito do que eles podem fazer e como farão isso, se é que desejam ser efetivos em seu ministério ou liderança.

De que maneira o pastor chega à imagem mental correta a respeito da visão para ele? A resposta é complicada. Na verdade, todo pastor busca por meio da oração um senso de chamado, e luta com sua decisão vocacional. Normalmente, essa busca e essa luta continuam no contexto da comunidade de fé para cujo desenvolvimento espiritual ele tem contribuído. Toda comunidade de fé tem algumas tradições que

influenciam os modelos pastorais, e essas tradições podem ser bíblicamente formadas, ou não.

O que o pastor inicialmente acredita que foi chamado para ser e fazer é influenciado em grande medida pelos primeiros anos de atividade ministerial. Essa experiência geralmente é contraditória às Escrituras. A contradição acontece quando o que tem início como um chamado acaba sendo visto como emprego profissional, disponibilizado por uma organização eclesial, com modelos concorrentes e conflitantes.

A vida e os estudos no Seminário tencionam moldar bíblicamente a visão de mundo que a pessoa tem, bem como seu ministério prático. Mas o Seminário não é o único fator institucional modelador da visão vocacional. Na verdade, alguns pastores inclusive podem ignorar completamente o Seminário. Uma igreja pode enxergar o ministério

de maneira unilateral, como batismos ou dízimos, que refletem positivamente sobre a missão, mas frequentemente levam a analisar o ministério em termos de resultados numéricos. Em tal cultura, as dimensões bíblicas do discipulado são deixadas para trás.

Líderes da igreja institucional e professores dos seminários de Teologia compartilham a mesma responsabilidade, ou seja, delinear a visão bíblica para o ministério pastoral. A igreja institucional forma aspirantes, estabelece as prioridades ministeriais e promove contínua atividade de crescimento vocacional. Mais especificamente falando, as experiências iniciais do ministério do pastor formam a visão vocacional dele e, à medida que luta para dar sentido a essa visão, ele pode internalizar ou deixar as lições aprendidas no Seminário.

Tendo como base minha experiência com seminaristas e aspirantes, tenho percebido que uma parte crucial da formação deles envolve a decisão entre quais modelos mentais de ministério pastoral são legítimos e quais devem ser descartados. A fim de que estejam em paz com seu chamado, os pastores devem finalmente compreender esse chamado dentro do relacionamento que mantêm com Deus. Alguns agonizam entre a liderança do Espírito sobre o serviço bíblico, enquanto se comprometem com as realidades de sua carreira. Escolher seguir a liderança de Cristo em vez de proteger os interesses da carreira é o segredo do serviço sacrificial e a formação cristã da visão pastoral. Mas isso pode não ser assim tão fácil.

### Visão pastoral e a igreja

Por mais importante que a questão da visão vocacional possa ser, o primeiro e mais notável aspecto dela deve ser nossa compreensão da eclesiologia, soteriologia e missiologia da igreja.

Nossa preocupação aqui não é a existência de vários modelos de

igreja entre os quais o pastor terá que escolher, mas o fato de que alguns entram para o ministério com pouca ou nenhuma oportunidade de reflexão sobre essa escolha. Essa questão é muitíssimo importante, pois não podemos minimizar a compreensão da essência bíblica da liderança pastoral nem do estabelecimento da comunidade eclesiástica. Os pastores assistem às reuniões da igreja, desenvolvem a cultura da igreja e realizam outras atividades eclesiásticas. Esses temas da igreja dão estrutura para a visão vocacional do pastor.

*“Escolher seguir a liderança de Cristo em vez de proteger os interesses da carreira é o segredo do serviço sacrificial e a formação cristã da visão pastoral”*

Muito frequentemente, uma vez que o pastor assume a liderança de uma igreja, pouco tempo ou esforço é empregado para refletir sobre um modelo bíblico de igreja e ministério. A visão da igreja como uma comunidade a ser liderada, cuidada e nutrida é o ponto inicial para a visão vocacional do ministério pastoral. E isso deve acompanhar a formação vitalícia do pastor.

Os seguintes elementos ilustram o tema da visão bíblica do ministério pastoral. Eles surgem da natureza da igreja e são notados nas cartas de Paulo a Timóteo.

*Vocação pastoral e a comissionamento.* O âmago da vocação pastoral é o chamado para que outros se tornem discípulos de Cristo. A missão da igreja é fazer discípulos, e o pastor vive esse tema central em sua vocação. Paulo advertiu Timóteo: “Pregue a palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo, repreenda, corrija, exorte com toda a paciência e doutrina” (2Tm 4:2).

Deus está empenhado na salvação de toda a humanidade. Consequentemente, a missão primária da

igreja é ser usada por Ele a fim de fazer discípulos. Os pastores incorporam essa verdade em sua visão do mundo. Paulo fala a respeito de Deus como Alguém “que deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2:4). Por isso ele instou Timóteo: “faça a obra de um evangelista” (2Tm 4:5). Independentemente de qualquer coisa que acreditemos ser o pastorado, discipular é o cerne.

### *Vocação pastoral e discipulado.*

Uma visão bíblica para a edificação da igreja requer a verdadeira formação

do discipulado. Discípulos são membros responsáveis e amadurecidos reproduzindo outros membros do corpo de Cristo com a marca do crescimento espiritual na vida deles. Todas as práticas pastorais, como atividade missionária, nutrição espiritual, adoração, estabelecimento da

estrutura para pequenos grupos, liderança corporativa ou estabelecimento de contatos com outras organizações contribuem para a formação do discipulado, quando apropriadamente conduzidas e sustentadas. Fazer discípulos é a vocação do pastor. Qualquer outro objetivo significa mudança de foco.

Paulo admoestou Timóteo a focalizar a espiritualidade de sua própria experiência e entre aqueles entre os quais ele servia. O significado dessa espiritualidade foi dado nestas palavras: “busque a justiça, a piedade, a fé, o amor, a perseverança e a mansidão. Combata o bom combate da fé. Tome posse da vida eterna, para a qual você foi chamado e fez a boa confissão na presença de muitas testemunhas” (1Tm 6:11, 12). Também o persuadiu a fazer discípulos: “E as palavras que me ouviu dizer na presença de muitas testemunhas, confie-as a homens fiéis que sejam também capazes de ensinar outros” (2Tm 2:2). O tema comum do discipulado deve estar entrelaçado com os propósitos de todas as atividades na vida pastoral.

*Vocação pastoral e adoração.* A adoração inspira e nos ajuda a modelar

o discipulado. Os pastores lideram a prática da adoração como contribuição ao discipulado. Uma vida de devoção pessoal, oração particular e pública, celebração do culto corporativo, Santa Ceia, batismos, casamentos e cerimônias de dedicação de crianças dão significado ao ministério e estreitam relacionamentos. Um pastor promove as práticas do culto em coerência com o chamado e propósitos compartilhados da comunidade de discípulos.

A igreja é atraída para a adoração quando está unida. Paulo visionou o ministério de Timóteo como uma ajuda para que os cristãos soubessem como deviam “comportar-se na casa de Deus” (1Tm 3:15). A vocação pastoral provê a direção bíblica na implementação do culto na comunidade adoradora. De acordo com o conselho do apóstolo, Timóteo devia trabalhar de tal maneira que pudesse estar seguro de serem essas atividades desempenhadas com fé e amor (2Tm 1:12, 13).

*Vocação pastoral e reflexão teológica.* Outro elemento essencial da vocação pastoral é a formação de discípulos que coloquem em prática as reflexões teológicas conforme as tenham experimentado na própria vida. Se os pastores falharem na promoção da reflexão teológica bíblicamente fundamentada, poderão formar paradigmas falhos do discipulado e do ministério. Para alguns falsos mestres da lei na igreja de Éfeso, Paulo enviou a seguinte advertência: “que não mais ensinem doutrinas falsas, e que deixem de dar atenção a mitos e genealogias intermináveis, que causam controvérsias em vez de promoverem a obra de Deus, que é pela fé” (1Tm 1:3, 4).

Ele também incentivou Timóteo para que fosse estudante dedicado das Escrituras, a fim de que se tornasse “sábio para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus” (2Tm 3:15). O apóstolo se preocupou no sentido de que Timóteo estudasse as Escrituras e levasse outras pessoas a fazer o mesmo (v. 14-16). A vocação

primária do pastor é fazer discípulos, levando os novos discípulos a se comprometerem com a reflexão teológica e a fidelidade bíblica, mesmo que eles vivam em uma diversidade cultural e pluralismo social. O discípulo comprometido com o estudo e os requerimentos da Palavra não permitirá que a diversidade cultural interfira em sua prazerosa experiência do discipulado de outras pessoas que também são alcançadas pela Palavra de Deus.

Para muitos, o ministério pastoral envolve uma escolha entre práticas e teologia. Tendo sido treinados nas línguas bíblicas, em dar estudos bíblicos, na teologia e em outras habilidades pastorais no seminário, os pastores se envolvem, durante anos, no aprendizado constante centralizado no ministério, evangelismo público e pessoal, aconselhamento e outros assuntos. Enquanto alguns usam a reflexão teológica como cortina para ocupar o trabalho pastoral que devem realizar, outros se concentram na administração da igreja, para negligenciar a reflexão teológica. Outros ainda focalizam os indicadores numéricos de produtividade e tendem a passar por alto o ministério em favor da missão e do crescimento da igreja.

Contudo, o ministério e o trabalho pastoral não podem ser divididos. O ministério fiel une teologia e prática na ação de pastorear, salvar e manter pessoas na igreja. Edward Farley descreveu a responsabilidade do pastor de igreja como refletor e praticante da teologia. O esforço em aprofundar e expandir o conhecimento teológico, por meio de estudo diligente da Palavra de Deus, fortalece a prática pastoral.

*Vocação pastoral e formação de significados.* Os pastores ajudam outros a desenvolver a arte de dar significado às situações da vida, sejam essas alegres ou críticas. Isso é feito por meio da reflexão sobre o texto sagrado, tradições da fé, grandes narrativas sobre a proficiência humana e a experiência espiritualmente fundamentada. O pastor deve ser capaz de

interpretar sua própria experiência de vida, então desenvolver essa prática entre os membros de sua congregação. A formação de significados acontece quando o pastor desenvolve a habilidade de ouvir, conversar, ensinar e pregar.

Paulo visualizou discípulos que praticassem a arte de fazer sentido. Exortando para que os cristãos encontrassem alegria em um propósito mais elevado que o ganho financeiro, ele escreveu: “De fato, a piedade com contentamento é grande fonte de lucro” (1Tm 6:6). Ele instou para que os cristãos compreendessem os desafios da vida e os interpretassem a partir de uma perspectiva espiritual. Realçando a maturidade em meio às dificuldades da vida, ele aconselhou: “Você, porém, homem de Deus, fuja de tudo isso e busque a justiça, a piedade, a fé, o amor, a perseverança e a mansidão, Combata o bom combate da fé” (1Tm 6:11, 12). O apóstolo entendia o sofrimento, mas expressou esperança, confiança e propósito no evangelho (2Tm 1:12; 2:8-11). “Todos os que desejam viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos” (2Tm 3:12).

*Vocação pastoral e relacionamentos.* O trabalho do pastor é relacional. Discipulado é essencialmente relacionamento quádruplo: com Deus, consigo mesmo, com a comunidade de fé e com todos aqueles que são objeto do amor de Deus. Se temos que tornar o evangelho relevante e significativo, deve haver atenciosas, visíveis conexões relacionais da igreja com a comunidade da qual faz parte. Nesse relacionamento, a vocação pastoral deve encontrar sua direção certa. Paulo expressou esta visão relacional para a igreja: “Quero, pois, que os homens orem em todo lugar, levantando mãos santas, sem ira e sem discussões” (1Tm 2:8).

Pastores que consideram relacional seu ministério ajudam as pessoas a formar comunidades cujos relacionamentos são visivelmente modelados pelo evangelho. Eles levam as comunidades a experimentar

o cumprimento dos propósitos de Deus para elas. Tal experiência envolve falar, exortar, orar, perdoar, chorar e sorrir como uma comunidade redentora.

*Vocação pastoral e liderança na comunidade.* Finalmente, a visão vocacional dos pastores deve prover o exercício de uma liderança amadurecida e confiável entre a comunidade. Esses pastores se envolverão na vida da comunidade e capacitarão a igreja a interpretar seu ambiente, explorando o contexto político, social e econômico ao seu redor. Eles encorajam o despertar de narrativas bíblicas e históricas que definem a visão mais ampla da comunidade.

Paulo sentiu esse papel do pastor na comunidade, ao aconselhar Timóteo: “Antes de tudo, recomendo que se façam súplicas, orações, intercessões e ações de graças por todos os homens” (1Tm 2:1). Ao descrever a vida de um líder de igreja, ele disse: “Também deve ter boa reputação perante os de fora” (1Tm 3:7).

A prática que ajuda uma congregação a se engajar em sua comunidade mais ampla começa com a reflexão sobre sua própria história. Enquanto os pastores dirigem o

desenvolvimento desse processo, eles formam congregações capacitadas a oferecer liderança na comunidade.

### Visão integrada

O pastor deve ter sua visão vocacional fundamentada biblicamente. Ele deve examinar as vozes que se esforçam para definir sua vida vocacional, optando por encontrar significado em uma intensa vida de oração e estudo das Escrituras, sob a direção do Espírito Santo.

Quem estabelece a visão para o pastor? Como servos de Deus e Sua igreja, a visão do pastor é identificada como estando inseparavelmente ligada ao ministério da igreja. A visão é expressa em temas como discipulado, adoração, reflexão teológica, formação de significado para a vida, relacionamentos e liderança comunitária. Essa visão estabelece a vocação pastoral como sendo vital e completamente integrada à intenção redentora de Deus em nossas comunidades e a um ministério desafiador. A vocação é expressa em atos como pregação da Palavra, ganho de pessoas para Cristo, liderança e organização da igreja local para a missão, proteção, conhecimento das

necessidades do povo, sacrifício e serviço em favor de outros.

Uma visão vocacional integrada para o exercício do ministério pastoral demanda séria consideração do chamado, disciplinada e contínua formação de prática ministerial. Na vocação pastoral, chamado e desenvolvimento profissional são inseparáveis. Deus redime nosso tempo e transforma nossa vida. Assim, o ministério é um conjunto amplo de ações em liderança pastoral. Fiéis servos de Deus enquadram-se perfeitamente na moldura elaborada pelo apóstolo Paulo: “Você, porém, seja moderado em tudo, suporte os sofrimentos, faça a obra de um evangelista, cumpra plenamente o seu ministério” (2Tm 4:5).

John Pieper afirmou o seguinte: “Os objetivos de nosso ministério são eternos e espirituais. Eles não são compartilhados por nenhuma outra profissão [...] O mundo estabelece a agenda para o homem profissional; Deus estabelece a agenda para o homem espiritual”.<sup>2</sup>

#### Referências:

<sup>1</sup> Peter F. Drucker, *Harvard Business Review* (setembro-outubro, 1994), p. 95-104.

<sup>2</sup> John Pieper, *Brothers, We Are Not Professionals: A Plea to Pastors for Radical Ministry* (Nashville, TN: Broadman and Holman, 2002), p. 3.





Editor de Leadership  
Journal e chanceler do  
Denver Seminary

# Momentos de um pastor

*Princípios que ajudam o pastor a aproveitar o máximo de seu tempo*



**N**o excelente livro de Walter Trobisch, intitulado *Casei-me com Você*, há um registro de uma conversa entre o autor e Esther, esposa de Daniel, pastor africano. Walter e Esther estavam sentados à mesa de jantar da casa de Daniel, diante de uma bela refeição. O problema era Daniel. Ele ainda não havia chegado, e à medida que o tempo passava, Esther ia ficando mais irritada. Ela sabia que seu marido estava do lado de fora do templo, conversando com alguns membros da igreja, depois do culto da manhã. Parecia alheio ao fato de que estava ignorando seu convidado e ofendendo sua esposa, que havia feito o melhor de si para oferecer boa hospitalidade.

No centro da preocupação de Esther está a questão do tempo. Ela e Daniel discordam a respeito de seu uso apropriado. O resultado? Eles estão se tornando ineficazes e o problema da “agenda” está começando

a ter um efeito corrosivo em seu relacionamento.

Quando entendido e administrado corretamente, o tempo é um dos nossos melhores amigos. Quando mal administrado e desvalorizado, pode se tornar nosso maior inimigo. Peter Drucker deixou bem claro que a questão do tempo está no centro da eficácia da função de um líder e administrador. Em seu livro *O Gesto Eficaz*, Drucker lembra que o tempo não é elástico – não pode ser alongado; é insubstituível – não pode ser recuperado; e é indispensável – nada pode ser feito sem ele.

O ministério terrestre de Jesus Cristo aponta para alguns princípios bastante úteis a respeito do uso geral do tempo. Não é nenhuma novidade o fato de que Jesus nunca mostrou sinais de estar apressado ou pressionado, nem displicente. Embora se mostrasse fisicamente cansado em certas ocasiões, Ele nunca estava emocionalmente

frustrado devido à falta de tempo, como vemos muito no ministério cristão atualmente.

Lemos que Jesus ignorava grandes multidões para se reunir com Seus doze discípulos. Dormia em um barco, pulando uma refeição para falar com uma mulher, e também interrompia um encontro com um grande número de adultos para dedicar tempo às crianças. Usos inteligentes do tempo. Certamente algumas pessoas estranharam a forma como Jesus investia as horas de Sua vida. No entanto, observamos que o Senhor sempre fez uso correto de Seu tempo, e Sua missão foi cumprida em apenas 33 anos. Devemos nos lembrar sempre disso.

Hoje em dia, muitas pessoas escrevem sobre esgotamento. Por que Jesus não Se esgotou? Acredito que a resposta para essa pergunta esteja em três princípios simples: Jesus media todos os investimentos de tempo que iam contra o Seu propósito, tinha

tempo a sós com o Pai, e não tentava fazer mais do que devia.

### Mitos sobre tempo

É preciso que observemos certos mitos que temos ensinado ao longo dos anos sobre o tempo.

**Mito 1** – Somos pessoalmente responsáveis pela salvação do mundo inteiro. Você pode até rir de tamanho absurdo, mas a verdade é que muitos de nós agimos como se realmente acreditássemos nisso. A fonte de tal mito está em nosso desejo de corresponder ao potencial que imaginamos ter recebido de Deus. Além disso, não gostamos de ficar de fora daquilo que todos estão fazendo. Assim, queremos falar em todas as reuniões, ser membros de cada comissão, dar um parecer a respeito de todas as questões que afetam nosso grupo, e fazer amizade com cada astro em nosso horizonte.

Sucumba ao mito – como muitos fazem – e o trágico fim virá quando você, desanimado, perceber que nunca conhecerá o número suficiente de pessoas, não poderá comparecer a todas as reuniões e nunca encontrará tempos para todas as reuniões de comissão. Lentamente percebemos que não podemos salvar o mundo, mas podemos fazer a diferença nele.

**Mito 2** – O tempo está acabando. Corro o risco de perder estimados amigos na fé se me afastar publicamente daqueles que pensam que o tempo está se esgotando e que não temos um minuto a perder? Eu parei de administrar o homem ambicioso. Agora, minha admiração está cada vez mais voltada à pessoa que, como o agricultor, aprendeu a ter paciência, sabe que as melhores coisas crescem com o tempo, e tudo o que podemos fazer é seguir a sequência correta de plantio, cultivo e colheita. Nenhuma colheita pode ser enriquecida pela pressa.

Durante toda minha vida fui apressado por aqueles que previam a destruição do mundo no próximo segundo. Se tivesse respondido às suas previsões, seria um homem perdido. Embora esteja certo de que

a destruição do mundo e a vinda de Jesus Cristo são iminentes, também estou preparado para viver como se tivesse mais mil anos pela frente.

**Mito 3** – O pastor precisa estar sempre disponível para toda e qualquer emergência. Quando ainda era um jovem pastor, eu tinha a ideia de que o chamado para o ministério significava que meu tempo, dia e noite, pertencia à congregação, 52 semanas ao ano. Com muita frequência, ouvia sussurros de admiração pelo homem dedicado, que nunca tinha um dia de descanso, raramente tirava férias, e se mostrava sempre imediatamente acessível. Houve tempo em que realmente acreditei nesse tipo de mentira, e me sentia culpado porque tais exigências me incomodavam.

Ainda acredito que o pastor deve ser acessível. Por outro lado, não tenho mais receio de não ser encontrado, quando é chegado o momento de estar sozinho, de passar tempo com minha família, ou de aproveitar os momentos de repouso. Durante os vinte anos em que fui pastor de três congregações diferentes, enfrentei apenas algumas situações em que minha presença era imediatamente necessária.

**Mito 4** – Descanso, diversão e lazer não são utilizações válidas do tempo. Você se lembra daquela pergunta bastante intimidante que nos faziam quando éramos jovens? “Se Jesus voltasse enquanto você estivesse fazendo isso ou aquilo, gostaria que Ele encontrasse você nessa situação?”

Essa pergunta persiste de maneira irritante em nossa vida adulta. Ela pode agora surgir em nossa consciência, ao nos perguntarmos o que Jesus pensaria se voltasse e nos encontrasse brincando com os filhos, passeando com a esposa, ajudando-a em tarefas domésticas, entre outras coisas, à parte das atividades pastorais específicas. De onde vem esse desconforto em relação aos momentos de descanso e lazer?

Acredito que classificamos nosso tempo como bom, melhor e ótimo. Consideramos o ministério como um “ótimo” uso do tempo; todas as

outras atividades são classificadas como inferiores. Errado! No conjunto, o Deus da Bíblia deve estar tão satisfeito quando Seus filhos se divertem assim como quando trabalham, onde cada um procura potencializar a eficácia do outro. “Venham comigo para um lugar deserto e descansem um pouco”, são palavras de Cristo.

**Mito 5** – É glamoroso, até mesmo heroico se desgastar e comprometer os relacionamentos, se você puder provar que seus amigos, seu cônjuge ou sua congregação lhe deixaram porque você estava cumprindo fielmente seu chamado. Embora não queira diminuir o santo que deu sua vida pelo evangelho, considero igualmente importante a busca por uma longa vida de serviço que culmine em uma velhice repleta de sabedoria e experiência a serem transmitidas à próxima geração.

Precisamos do exemplo do homem que deixou tudo e “o seguiu”, mas também precisamos do modelo do homem que conseguiu manter um bom casamento, criar filhos com o caráter de Cristo, e que tenha algo a ensinar ao atingir a respeitável terceira idade. Se há inspiração em um Henry Martyn e em um David Brainerd, que morreram ainda jovens, há também muito a ser dito de um Stanley Jones e um L. Nelson Bell, que morreram depois dos 80 anos, deixando uma reserva de experiência acumulada.

**Mito 6** – Uma geração anterior de missionários deixava seus filhos regularmente aos cuidados de outras pessoas e ia para diversas partes do mundo. Eles trabalhavam com a ideia de que, se fossem fiéis ao ministério, Deus garantiria o crescimento e desenvolvimento de seus filhos. Infelizmente, muitas dessas pessoas descobriram que não é assim que funciona.

Nós, que fazemos parte do ministério cristão, não deveríamos ter uma família se não estivermos comprometidos a cuidar dela corretamente. Nossa família não é problema de outra pessoa. Quando estava

no início de minha vida pastoral, perguntei certa vez a um pregador mais velho: “O que é mais importante, minha família ou a obra do Senhor?” Nunca me esqueci de sua resposta: “Gordon, sua família é obra do Senhor.”

### **Tempo pessoal**

“Fora do trabalho, quais são os momentos de que nós, que trabalhamos no ministério, mais necessitamos?” Seria surpresa se eu dissesse que minha primeira necessidade como pessoa é passar algum tempo sozinho? Isso abrange a solidão espiritual, onde eu possa estar em comunhão com Deus, como o próprio Cristo fazia; mas também inclui o tempo para pensar, para me exercitar e fazer companhia a mim mesmo. Quando estamos constantemente entre o barulho e a correria das pessoas e das programações, quase não temos a oportunidade de pensar, e a falta de tempo para fazer isso inibe nosso crescimento.

Com alguma regularidade, acrescentei em minha agenda períodos de solidão. É vitalmente importante ficar um período em silêncio. Nesses momentos de solidão, minha mente e espírito voltam a ser uma fonte de ideias e possibilidades. Sou capaz de entender as questões que estou enfrentando, sejam relacionadas à fé, emprego ou relacionamentos.

Naturalmente, esse período de solidão pode incluir o cônjuge. Em nossa casa, acreditamos que nosso casamento seja um presente em si mesmo, para nossa congregação, já que é um modelo de relacionamento cristão. Portanto, eu e minha esposa entendemos a importância de maximizar nossas oportunidades de comunhão um com o outro, para que o relacionamento se mantenha saudável e completo. Procuramos ter esses momentos diariamente, conversando sobre os eventos do dia quando chegamos em casa. Chamamos esse encontro de nosso “momento de tranquilidade”.

Em minha vida privada, conscientizei-me de que também preciso de

tempo para o descanso. Nenhum de nós, que trabalhamos na liderança, pode ficar sem esses períodos, que surgem inevitavelmente depois de gastarmos altos níveis de energia emocional. Eles também podem vir depois de um período muito intenso de interação com as pessoas, quando nos sentimos esgotados de tanto conversar, tomar decisões e aconselhar.

Fico impressionado com a declaração de João: “Então cada um foi para a sua casa. Jesus, porém, foi para o monte das Oliveiras” (Jo 7:53; 8:1). Nosso Senhor sabia que havia se desgastado e que precisava de restauração. As outras pessoas voltaram para suas rotinas barulhentas e atribuladas. Cristo procurou o silêncio, onde a voz do Pai celestial podia ser ouvida. Quando Ele voltou do monte, tinha coisas novas e frescas para dizer.

Há ainda outra coisa que chamo de tempo de crescimento. Depois de haver comungado com Deus nas primeiras horas, comece o dia com o tempo de crescimento físico, por exemplo. Para mim, ele ocorre entre às 5h e 6h, todos os dias, quando corro aproximadamente 45 minutos. Tempo de crescimento também significa exercitar a mente. Tento ir mensalmente à biblioteca pública ou a uma livraria para conhecer novos títulos e adquirir mais conhecimento, algo que é bom para mim e para a congregação.

### **Disciplina e tempo**

Como podemos manter a ordem em nossos momentos públicos e privados? Várias observações aleatórias sobre coisas que aprendemos com o passar dos anos podem ser úteis.

Primeiramente, acreditamos na necessidade de uma agenda. Minha esposa e eu temos, há muitos anos, um calendário geral. Com cerca de seis a oito semanas de antecedência, escrevemos várias atividades nos campos reservados ao tempo pessoal e as incluímos na agenda antes que outros eventos comecem a aparecer.

Em segundo lugar, costumamos tirar o telefone do gancho em vários

momentos. Nosso telefone não toca durante as refeições, durante os momentos de diálogo em família, nem nos períodos de meditação e estudo.

Em terceiro lugar, minha esposa e eu aprendemos, há muitos anos, que precisamos ter disciplina para aquilo que chamo de “tempo a sós entre marido e mulher”. Nossos filhos têm compreendido nossa necessidade de tais momentos, e agora que estão crescendo, não dependem tanto de nós. Portanto, não somos interrompidos quando precisamos desse tempo a sós.

Em quarto lugar, aprendemos a lei da qualidade do tempo. Sempre que estamos juntos como família ou como casal, temos o cuidado de estar atentos para nossa atitude mental, roupas e modos. São coisas que faríamos pelos membros da nossa igreja, então por que não fazer isso por aqueles que estão mais próximos de nós? Em casa, tentamos nos programar de maneira tal que consigamos oferecer uns aos outros os melhores momentos no mês, quando nosso corpo, mente e emoções estão vivos e alertas.

Em quinto lugar, aprendemos a coincidir nossas atividades recreativas com as necessidades familiares. Percebi cedo que não podia buscar momentos de lazer com meus amigos e ainda ter quantidades adequadas de tempo para dedicar ao lazer com minha esposa e meus filhos. Portanto, logo no início de minha vida familiar, fiz escolhas no sentido de realizar atividades em que meus filhos pudessem me acompanhar.

Conheça seu tempo. Se não o conhecermos, seremos incapazes de atribuímos valor a ele. Então, o desperdiçaremos; e isso não agrada a Deus nem maximiza nossa eficácia como líderes espirituais. Mas, ao aprendermos a organizar nosso tempo pessoal, aumentamos as chances de ser mais atentos, mais eficazes; portanto, mais parecidos com o que Deus deseja e que nossas congregações precisam. ▀

Extraído de *Liderança Hoje*, nº 2, Verão 2013, usado com permissão.



Professor no Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos

## CRESCIMENTO DE IGREJA

# Diagnose pastoral

*Como identificar e curar males que impedem o crescimento de sua igreja*

A metáfora do pastor como médico de doenças espirituais e eclesiais tem suas raízes nas memoráveis palavras de Cristo, ditas aos fariseus: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes” (Lc 5:31). De acordo com Lucas, que também era médico (Cl 4:14), com essa afirmação Jesus repreendeu os escribas e fariseus que criticavam os discípulos pelo fato de esses comerem e beberem com “publicanos e pecadores” (v. 30). Em contraste com a teologia redentora de Jesus, os escribas e fariseus consideravam incorreto evangelizar publicanos e pecadores, ou comer com eles (v. 27, 30). Então Jesus censurou a hipocrisia de Seus críticos e, como verdadeiro médico espiritual, disse-lhes que não tinha vindo salvar justos, mas pecadores (Lc 5:32; Mt 9:12; Mc 2:17).

A representação metafórica da igreja como um organismo vivo

(Rm 12:5; 1Co 10:17; 12:27; Ef 4:12; 5:23; Cl 1:24), com fraquezas e debilidades que afetam sua saúde e seu crescimento, coloca o pastor em uma posição de médico cuja responsabilidade é curar as enfermidades eclesiais. Deus deseja que Sua igreja experimente saúde e prosperidade (3Jo 2), e os pastores são agentes humanos utilizados por Ele a fim de que a saúde de Sua igreja seja restaurada. A boa saúde da igreja é um pré-requisito para o crescimento e prosperidade do corpo de Cristo.

O tratamento de doenças físicas tem sido aperfeiçoado pela medicina, que as enfrenta de forma indutiva. Francis Bacon, considerado o pai do método indutivo, propôs a solução de problemas mediante “a observação empírica, análise de dados, desenvolvimento e experimentação”.<sup>1</sup> As ideias de Bacon formam a base do que em nossos

dias é conhecido por método científico.<sup>2</sup> Os conceitos desenvolvidos por Bacon tinham como objetivo desviar os pesquisadores da simplificação investigativa e de conclusões *a priori*, de modo que a aquisição do conhecimento não fosse tão afetada pelas pressuposições e “a aceitação cega de métodos tradicionais”.<sup>3</sup>

O fundamento principal do método científico, conforme é usado no sistema médico moderno, consiste em diagnosticar, antes de prescrever o tratamento curativo. O emprego dessa forma de enfrentar problemas de saúde também é recomendado às organizações em geral, no enfrentamento dos desafios de liderança. Beerel afirmou que, para entender os problemas organizacionais, é necessário utilizar um enfoque “indutivo, em vez de dedutivo” à liderança. De acordo com esse autor, a liderança indutiva busca novas causas e conexões que

contribuam para um entendimento “exato da realidade”. Por outro lado, a liderança dedutiva, “fundamentada em regras de deduções”, aplica “regras estabelecidas a circunstâncias e eventos”. Mesmo que a liderança indutiva requeira mais tempo e seja mais difícil de ser implementada, ela é necessária a fim de evitar decisões organizacionais individualistas e limitadas.<sup>4</sup>

Segundo Irving Rothchild, “indução consiste em chegar a conclusões gerais, alicerçadas no exame de assuntos particulares, enquanto a dedução é a identificação de particularidades desconhecidas, alicerçada em fatos conhecidos”.<sup>5</sup> Sendo assim, à semelhança do médico, o pastor começa seu trabalho de liderança identificando problemas organizacionais, continua diagnosticando as causas desses problemas e termina prescrevendo um plano de ação contextualizado que possa culminar com a regeneração e cura do problema. Os passos comumente seguidos no campo da medicina para diagnosticar e curar problemas patológicos podem ser dados também pelas lideranças de organizações. Este artigo analisa alguns desses passos.

### Introspecção

Introspecção significa “autoexame, ato de examinar-se interiormente”.<sup>6</sup> O autoexame é um aspecto organizacional muito importante e necessário para conhecer os desafios e oportunidades que a liderança enfrenta em “uma sociedade competitiva, exigente e complexa”.<sup>7</sup> No contexto da igreja local, a introspecção deve ser uma atividade proativa e constante, na qual o pastor avalia periodicamente a saúde da igreja, com o objetivo de detectar problemas antes que eles se tornem emergência. No campo da medicina, isso é conhecido como medicina preventiva. Frequentemente, a restauração da saúde institucional requer “um processo de diagnose organizacional sistemático”.<sup>8</sup> A prescrição



efetiva para os problemas organizacionais deve ter como base um diagnóstico exaustivo.

Assim como os médicos identificam os problemas físicos dos pacientes, o pastor identifica problemas e desafios pastorais,<sup>9</sup> revisa o histórico clínico do problema, diagnostica suas causas, por meio da observação profissional, e analisa os resultados à luz da missão e os sinais vitais da igreja.<sup>10</sup> Alguns sinais vitais de uma igreja saudável incluem assistência aos cultos, participação ativa nas atividades missionárias, trabalho em equipe e fidelidade a Deus.

### Prescrição

Uma vez que as deficiências organizacionais tenham sido identificadas e suas causas diagnosticadas, o passo seguinte a ser seguido pelo pastor é o de prescrever um plano de ação apropriado. Toda prescrição apropriada deve estar contextualizada às características e necessidades específicas da organização. Cada instituição tem sua própria personalidade; e o que pode ser efetivo para uma organização em seu contexto não é necessariamente

apropriado para outra organização semelhante. A geografia, população, as necessidades dos clientes bem como as características dos participantes determinarão que receita e que plano de ação serão apropriados.

### Organização

No contexto do nosso estudo, a organização é definida como “um grupo de pessoas organizadas com um propósito específico”.<sup>11</sup> As organizações de sucesso são compostas por pessoas que trabalham em equipe a fim de alcançar as metas propostas. A organização, ou instituição, é semelhante à estrutura de um organismo cujas partes trabalham coordenadamente “para levar a cabo funções vitais”.<sup>12</sup> Na teoria organizacional, o termo se aplica a “uma unidade social estruturada sistematicamente para cumprir coletivamente as metas organizacionais”.<sup>13</sup> Peter Wagner afirma que uma igreja saudável, semelhante à comunidade apostólica, cresce em unidade, cumprindo coletivamente a missão da igreja.<sup>14</sup> Essa é uma característica organizacional básica da igreja saudável.

Os valores, crenças, atitudes, tradições e ética de trabalho dos membros da igreja formam uma cultura organizacional única, com o potencial de obstaculizar ou impulsionar o crescimento eclesial. Varkey e Antônio asseguram que mover uma organização para uma condição de maior crescimento requer passos paulatinos e progressivos.<sup>15</sup> Alguns desses passos devem considerar a delegação e capacitação, de acordo com os dons individuais de cada voluntário.

### Implementação

Na área médica, a implementação equivale à aplicação de intervenções curativas. Para que experimente a cura, o paciente deve seguir rigorosa e imediatamente as indicações do médico. A importância de implementar uma intervenção imediata tem sido imortalizada pela máxima atribuída a George Patton, general norte-americano, falecido em 1945: “Um bom plano executado hoje é muito melhor que um plano perfeito executado na semana seguinte.”

A implementação de novos planos pressupõe que as práticas anteriores não estão produzindo resultado e que a ação proposta é superior à anterior. Independentemente da superioridade do novo plano, a mudança deve ser feita de maneira que não ocorra declínio de produção nem desestabilidade operacional. As pessoas necessitam de tempo para mudar, adaptar-se a novos paradigmas e aprender novas técnicas e processos. Schermerhorn afirma que “uma organização que opera efetivamente alcança suas metas por meio da sinergia, considerando que o todo é maior que a soma de suas partes”.<sup>16</sup>

Uma razão comum que tem sido responsável pelo fracasso de muitas instituições ao enfrentarem desafios organizacionais é a prescrição de intervenções equivocadas. Isso ocorre frequentemente, quando a intervenção é prescrita de forma dedutiva, sem considerar o rigor e a investigação prévia exigidos pela

liderança indutiva. Outras razões estão associadas ao estabelecimento de métodos ambíguos, pouco tempo designado para a implementação da intervenção, falta de experiência da parte do líder e resistência à mudança, por parte dos envolvidos.

Um dos maiores desafios na implementação de paradigmas e ações restauradores consiste em manter os participantes motivados durante todo o tempo. Teorias motivacionais de Abraham Maslow têm sido aplicadas a contextos de liderança organizacional. De acordo com ele, “apenas as necessidades não satisfeitas são fonte de motivação. Necessidades satisfeitas não criam tensão, por isso não motivam”.<sup>17</sup> Na verdade, a motivação fundamentada na satisfação das necessidades humanas nem sempre é aplicada à motivação entre cristãos que, sem pensar em benefícios pessoais e egoístas, seguem o exemplo altruísta de Jesus. A motivação cristã é centralizada no poder intrínseco gerado por Cristo na pessoa (1Co 5:14), bem como na “fé, [na] esperança e [no] amor”, fontes consideradas por Ellen G. White como “as grandes forças incentivadoras da vida”.<sup>18</sup> Fomentar essas “forças incentivadoras” tem sido grande desafio aos pastores em todos os tempos.

### Avaliação

Uma das mais importantes funções indutivas exercidas pelos médicos é avaliar a efetividade da intervenção prescrita. Esse trabalho, realizado à luz das metas institucionais é tarefa de vital importância. No contexto ministerial, a avaliação do trabalho e dos resultados alcançados pela igreja é uma das atividades mais negligenciadas no ministério. Poucos tomam tempo para avaliar, à luz da missão da igreja, as atividades realizadas. À semelhança do médico, o pastor deve perguntar continuamente a si mesmo se as intervenções propostas são efetivas e se estão conseguindo os resultados propostos.

A igreja de Cristo é um organismo vivo que sofre problemas patológicos organizacionais que merecem atenção. O pastor tem a responsabilidade de nutrir esse corpo vivo e tratar suas enfermidades, a fim de que ele cresça de maneira saudável e produtiva. ❧

### Referências:

- <sup>1</sup> Dagobert Runes, *Dictionary of Philosophy* (Totowa, NJ: Littlefield, Adams & Companuy, 1962), p. 32.
- <sup>2</sup> J. P. Moreland e William L. Craig, *Philosophical Foundations for a Christian Worldview* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2003).
- <sup>3</sup> Francis Bacon, *Novum Organum: The Interpretation of Nature and the Kingdom of Man*, <http://hiwaay.net/~paul/bacon/organum/aphorisms1.html>.
- <sup>4</sup> Annabel Beerel, *Leadership and Change Management* (Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2009), p. 25, 26.
- <sup>5</sup> Irving Rothchild, *Induction, Deduction and the Scientific Method: An Eclectic Overview of the Practice of Science*, <http://www.ssr.org/Induction.shtml>.
- <sup>6</sup> *Dictionary.com*, <http://dictionary.reference.com/browse/introspection>.
- <sup>7</sup> John R. Schermerhorn, James G. Hunt e Richard N. Osborn, *Basic Organizational Behavior* (Nova York, NY: John Wiley & Sons, 1998), p. 188.
- <sup>8</sup> Richard Beckhard, em Joan V. Gallos, *Organizational Development: A Jossey-Bass Reader* (San Francisco, CA: Jossey Bass, 2006), p. 3.
- <sup>9</sup> Uma informação objetiva acerca da história clínica da Igreja pode incluir batismos, dízimos, ofertas, assistência e pontualidade às reuniões. Essa informação pode ser obtida dos registros da igreja local. A informação fundamentada em observação pode incluir assistência às reuniões, nível de compromisso nas atividades da igreja e nível de fraternidade entre os membros.
- <sup>10</sup> Ver C. Peter Wagner, *Your Church Can Grow: Seven Vital Signs of a Healthy Church* (Glendale, CA: Regal Books, 1976); Mark Finley, *Ministry* maio de 1982, p. 4-6; Richard J. Krejcir, *Net Ministry*, [http://70030.netministry.com/articles\\_view.asp?articleid=32733&comnid=3881](http://70030.netministry.com/articles_view.asp?articleid=32733&comnid=3881).
- <sup>11</sup> Michael Agnes e David Guralnik (ed), *Organization* (Foster City, CA: IDG Books Worldwide, 2001), p. 53.
- <sup>12</sup> “Organization: Etymology and Theory”, <http://orgtheory.wordpress.com/2007/07/13/organization-etymology-and-origins>.
- <sup>13</sup> “Organization”, <http://www.businessdictionary.com/definition/organization.html#ixzz23A7bDMmb>.
- <sup>14</sup> C. Peter Wagner, *The Acts of the Holy Spirit: Spreading the Fire* (Ventura, CA: Regal Books, 1994), p. 81-108.
- <sup>15</sup> Prathiba Varkey e Kayla Antonio, *American Journal of Medical Quality*, 25(4), p. 268.
- <sup>16</sup> John R. Schermerhorn, *Op. Cit.*, p. 7.
- <sup>17</sup> W. Warner Burke, em Joan V. Gallos, *Op. Cit.*, p. 21.
- <sup>18</sup> Ellen G. White, *Educação*, p. 192.

# Avaliar para servir melhor



*Realizada para a glória de Deus, a avaliação do trabalho é um compromisso que devemos fazer, em nome da excelência vocacional e do crescimento da igreja*

**Q**uem ainda não perdeu o sono, ao receber uma carta dos administradores com esta informação: “Pastor, na próxima semana, estaremos em seu distrito para avaliar seu trabalho. Por favor, convoque a comissão da igreja para uma reunião às 20h. Desejamos que tenha um feliz sábado”...?

O incômodo de uma mensagem dessa natureza tem uma razão: poucos temas são tão sensíveis na vida de uma organização como a avaliação. Os vários significados da palavra, as ideias prévias a respeito dos seus objetivos, as semelhanças com iniciativas de outra natureza e as implicações para as pessoas e para o ambiente de trabalho mostram quanto é complexo o assunto, e a urgência de enfrentá-lo com transparência.

Justamente por causa das implicações do tema, não raras são as vezes em que nos perguntamos se é mesmo possível avaliar. Sim; e, além de ser possível, a avaliação é

um recurso que pode nos conectar de modo mais forte com os propósitos de Deus, e nos ajudar a manter o foco no que é preciso melhorar, além de nos dar informações valiosas para tomar decisões e gerar novos processos.

### Padrão e comparação

Para a igreja de Deus, a fonte dos princípios e diretrizes da avaliação é a Bíblia. Ela indica os agentes, fundamentos, objetivos e limites da avaliação. Já na primeira página das Escrituras, Deus aparece avaliando: “Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas” (Gn 1:4). A expressão “Deus viu” fornece claramente a ideia de avaliação. De acordo com o *Comentário Bíblico Adventista*, “essa expressão, repetida seis vezes (v. 10, 12, 18, 21, 25, 31), transmite em linguagem humana uma atividade de Deus: a avaliação de cada ato particular da criação, como algo que cumpre totalmente o plano e a vontade do Criador”.<sup>1</sup>

O comentário sobre a expressão “tudo havia ficado muito bom” (v. 31) diz o seguinte: “O exame feito no fim do sexto dia abrangeu todas as obras completadas nos dias anteriores, ‘e tudo havia ficado muito bom’. Tudo estava perfeito em sua categoria; todas as criaturas atingiam o ideal designado pelo Criador e estavam



capacitadas a cumprir o propósito para o qual haviam sido criadas.”<sup>2</sup>

Qualquer avaliação que pretenda ser eficaz deve colocar a realização no espelho de um padrão, meta ou ideal, pois a avaliação é uma comparação entre a obra realizada e o ideal proposto. Foi exatamente o que Deus fez ao avaliar Sua criação. Novamente, o *Comentário Bíblico Adventista* expressa: “Como o ser humano que contempla e examina o produto de seus esforços e declara que cumpre seus planos e propósitos, Deus também declara, depois de cada ato criador, que o produto de Sua atuação está perfeitamente de acordo com Seu plano.”<sup>3</sup> É importante observar este aspecto: Deus criou e imediatamente constatou o que havia criado. Atuou com um propósito e comparou a realização com o ideal assumido. Observemos que mesmo Deus, que faz tudo perfeito, decidiu avaliar Sua criação, a partir do modelo que tinha em mente.

### **Autoavaliação e autonomia do avaliado**

Se o primeiro aspecto da abordagem bíblica sobre a avaliação diz respeito a feitos e realizações, um segundo aspecto chama a atenção por se tratar de avaliação de pessoas.

Deus, que não erra, poderia nos avaliar e simplesmente nos informar o resultado; algo como: “o padrão esperado era que você se tornasse X, e você se tornou Y.” Todavia, Deus não age dessa maneira. Em Gênesis 3, nós O encontramos avaliando e ajudando o ser humano a fazer uma autoavaliação. Como um Pai amoroso, Ele Se aproximou de Adão e Eva, e fez as perguntas: “Onde está você?” “Quem lhe disse que você estava nu? Você comeu do fruto da árvore da qual lhe proibi comer?” “Que foi que você fez?” (Gn 3:9, 11, 13). É interessante notar que o Senhor Se aproximou fazendo perguntas que tocavam diretamente na ação individual e na sua responsabilização. Sabendo que o ser humano necessitava de muito mais que uma

nota ou valor designado, Deus fez as perguntas corretas, pois elas conduzem a uma avaliação correta, nesse caso, abrindo a possibilidade para uma autoavaliação dos agentes.

Porém, não é somente em Gênesis 3 que Deus é encontrado promovendo a autoavaliação. Há muitos outros exemplos, dos quais mencionamos alguns: Em certa ocasião, o grande Eu Sou perguntou a Moisés: “Que é isso em sua mão?” (Êx 4:2). Moisés, que tinha avaliado a si mesmo erroneamente, em primeira instância, finalmente compreendeu que o cumprimento da missão para a qual tinha sido chamado era possível, pois ele não trabalharia sozinho. Os capítulos 38 e 39 do livro de Jó perfazem uma coleção de perguntas que Deus fez àquele patriarca, a fim de que ele mesmo avaliasse sua condição. Formular perguntas é uma arte. Depois da ressurreição, ao Se encontrar com Pedro, que O havia negado, Jesus – mestre em fazer perguntas – abordou aquele discípulo perguntando-lhe três vezes: “Simão, você Me ama?” Talvez, o episódio bíblico mais contundente sobre autoavaliação seja o descrito em João 8:9. Cristo escreveu na areia, e os acusadores da mulher flagrada em adultério, “acusados pela própria consciência, foram-se retirando um por um, a começar pelos mais velhos até os últimos, ficando somente Jesus e a mulher”.

### **Avaliação divina e avaliação humana**

Um terceiro fundamento bíblico sobre o tema é que a avaliação de Deus e a humana são diferentes. “O Senhor não vê como o homem: o homem vê a aparência, mas o Senhor vê o coração” (1Sm 16:7). Nesse caso, além de compreender que a avaliação divina é diferente da avaliação humana, importa saber a razão pela qual isso acontece. Essa razão é a impossibilidade humana de conhecer o interior de outra pessoa. As habilidades humanas conseguem alcançar somente o que é externo,

os produtos da ação, os frutos de uma atividade, e, ainda assim, apenas em parte ou através de reflexo. Somente Jesus consegue olhar diretamente o coração e conhecer completamente o caráter.

### **Indicador externo de motivação interna**

No Sermão da Montanha, Jesus fez uma série de recomendações: Não julgar, não misturar com o profano o que é santo; garantir que a pessoa que procura Deus O encontrará. Ordenou que Seus filhos entrem pela porta estreita; e mostrar que a vida eterna não é concedida aos que somente proferem o nome do Senhor ou fazem maravilhas, mas aos que ouvem e praticam Sua Palavra. No fim do sermão, o Mestre alertou Seus filhos contra os falsos profetas:

“Cuidado com os falsos profetas. Eles vêm a vocês vestidos de peles de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores. Vocês os reconhecerão por seus frutos. Pode alguém colher uvas de um espinheiro ou figos de ervas daninhas? Semelhantemente, toda árvore boa dá frutos bons, mas a árvore ruim dá frutos ruins. A árvore boa não pode dar frutos ruins, nem a árvore ruim pode dar frutos bons. Toda árvore que não produz bons frutos é cortada e lançada ao fogo. Assim, pelos seus frutos vocês os reconhecerão!” (Mt 7:15-20).

Sabendo que o ser humano só consegue olhar para dentro de si mesmo, e cômico do prejuízo que os falsos ensinamentos geram na Sua igreja, Jesus proveu Seus filhos com um recurso para avaliar a índole dos que se apresentam para ensinar. Cuidadosamente, Cristo providenciou um indicador ao qual se deve recorrer quando pairarem dúvidas sobre as intenções de uma pessoa que se apresenta para supostamente advertir Seu povo. Esse indicador é algo externo (fruto) que aponta para a qualidade interior (qualidade da árvore). Assim, embora não seja humanamente possível sondar o coração alheio, os frutos

dos instrutores da igreja indicam a verdadeira inclinação do coração, a natureza das intenções e, em última instância, a serviço de qual deus eles estão.

### O que pode ser humanamente avaliado

A essa altura, podemos perguntar: O que é possível ser avaliado pelo ser humano? A Palavra de Deus indica com clareza os alcances e limites de tal avaliação. Em resumo, temos o seguinte: (1) Avaliação é a comparação da situação real com o padrão, meta ou ideal estipulado; (2) Somente é possível avaliar o que é visível, externo, manifesto; (3) No que se refere ao caráter, a avaliação de pessoas é pertinente apenas pela via da autoavaliação, conduzindo-as à reflexão com base em perguntas e afirmações da Palavra de Deus; (4) O Senhor providenciou um indicador externo a ser usado quando houver dúvidas sobre as motivações internas de quem se apresenta para ensinar ou advertir a igreja.

Em termos concretos, é possível avaliar habilidades e comportamentos e, não menos importante, os efeitos, eficácia, efetividade, eficiência, os custos e a adequação entre fins e meios de ações individuais e organizacionais. Esses aspectos podem ser avaliados com grau de sucesso muito maior que características ou idiosincrasias subjetivas.

Declarações de Ellen G. White revelam o que pode ser avaliado pelos agentes humanos e o que é prerrogativa do exame de consciência e da exclusiva sondagem divina. A primeira declaração aqui mencionada se refere à avaliação dos pastores tendo como base o indicador fruto-qualidade da árvore. Observa-se que os objetos externos (orações e sermões) indicam a ausência de Cristo no coração:

“Pouco se tem feito quanto a conhecer pastores; e por essa mesma razão as igrejas têm recebido os serviços de homens não convertidos, ineficientes, que têm acalentado o



povo para adormecer, em lugar de o despertar para zelo e atividade maiores na causa de Deus. Há pastores que vêm ao culto de oração, e dizem sempre, sempre as mesmas velhas orações sem vida; pregam os mesmos discursos secos de semana a semana, de mês a mês. Não têm nada de novo e inspirador a apresentar à sua congregação, e isso é uma demonstração de que não são participantes da natureza divina. Cristo não está habitando no coração pela fé.”

A segunda afirmação mostra a investigação do coração, do caráter e da vida de um crente por ele mesmo, juntamente com a indicação das causas do fracasso, e com o recurso para alcançar o êxito em Cristo:

“Prezado irmão, você sente, em suas realizações imperfeitas, que é qualificado para quase qualquer posição. Mas ainda não foi achado capaz de controlar a si mesmo. Sente-se competente para dar ordens aos homens de experiência, quando deveria estar disposto a ser conduzido e colocar-se na posição de um aprendiz. Quanto menos meditar em Cristo e em Seu incomparável amor, e quanto menos se assemelhar a Sua imagem, tanto melhor parecerá ser aos próprios olhos e tanto maior será sua autoconfiança e satisfação própria. O correto conhecimento de

Cristo e a constante contemplação do Autor e Consumador de nossa fé lhe darão tal visão do caráter de um cristão genuíno que você não poderá deixar de fazer uma correta avaliação da própria vida e caráter, em contraste com os do grande Exemplo. Verá então sua fraqueza, sua ignorância, seu amor ao conforto e sua indisposição para negar a si mesmo.”<sup>5</sup>

A terceira expõe que unicamente a Cristo é confiada a completa avaliação das ações e das responsabilidades individuais:

“Ao Filho de Deus é confiada a completa avaliação de toda ação e responsabilidade individuais. Para os que foram participantes dos pecados de outros homens e agiram contra a decisão de Deus, será uma cena terrivelmente solene.”<sup>6</sup>

### Conceitos e finalidades

As ideias centrais da avaliação, tanto na teoria como nas suas boas práticas, são estas: dar valor e comparar. No primeiro caso, avaliação é atribuir valor a algo ou alguém. No segundo caso, medir a distância entre o real e o ideal. É comum encontrar tentativas de juntar as duas ideias e atribuir valor à distância entre o real e o ideal, mas geralmente essa tentativa se mostra infrutífera, especialmente se a distância não for de grandeza matematicamente

mensurável. Nesses casos, atribuir valor a algo ou alguém se torna sem utilidade, pelo fato de estabelecer um número que não tem nada que ver com a natureza do objeto. Além disso, o que é mais grave, também é uma prática que mina a confiança dos relacionamentos.

Como se trata de atividade humana, a avaliação implica sempre em julgamento, pois, além de metas, envolve valores. É também atividade sistemática, em vez de isolada ou pontual, e tende a demandar sistemas robustos de registro para armazenar os dados ao longo do tempo. Tem critérios claros de diagnóstico dos pontos fortes e fracos de coisas e pessoas, concluindo em propostas para aumentar a eficácia da tarefa. Essa é uma das partes mais sensíveis da avaliação bem feita: aumentar a eficácia dos processos organizacionais, sem ameaçar nem desqualificar as pessoas envolvidas.

A melhor finalidade da avaliação é de natureza técnica, isto é, visualizar as possibilidades de aperfeiçoar processos, inspirar pessoas, redefinir diretrizes de ação, ampliar o aprendizado individual e organizacional, e aumentar a responsabilização. Uma avaliação assim cria indivíduos mais conscientes de sua parte na missão e de sua importância na engrenagem. A pior finalidade é a política: utilizar os dados para auferir ganhos, conquistar ou manter posições, controlar a vida alheia. No sentido técnico, a avaliação é uma poderosa ferramenta de liderança e gestão de trabalho. No sentido político, um tirano recurso de dominação.

### Avaliação da avaliação

O maior risco da avaliação na igreja é permitir que ela se torne o centro da vida do avaliado. Por causa das cobranças, é muito comum a pessoa avaliada passar a trabalhar com o objetivo de responder à avaliação, em vez de focalizar os esforços nas atribuições para as quais foi chamado. Isso mostra que a avaliação também é objeto de avaliação.

Essa checagem deve cumprir o duplo objetivo de certificar se ela está em conformidade com as pautas bíblicas e de garantir que seus instrumentos sejam adequados para cumprir o propósito técnico.

Sendo que, para a igreja de Deus, o fundamento dos princípios e das diretrizes da avaliação é a Bíblia, e fazendo uma breve comparação entre os instrumentos costumeiramente usados e o que a Bíblia apresenta, não seria o caso de perguntarmos se a responsabilidade é muito maior do que se pensa? Acaso, não é preciso rever o trabalho dos obreiros na igreja de Deus? Não deveria haver uma avaliação mais sistemática da dinâmica institucional? De fato, se quisermos avançar em cumprir a vontade de Deus, é preciso olhar para dentro de nós mesmos e da igreja, colocar sob escrutínio as intenções do coração e avaliar nossa avaliação.

É preciso responder com clareza sobre os processos e áreas que devem ser o objeto principal de atenção na avaliação do secretário ministerial e do pastor; se há seleção e treinamento de avaliadores, os tipos de pessoas que se mostram mais adequadas para servir como avaliadores, e as melhores maneiras de se preparar a fim de exercer essa tarefa.

Avaliar o trabalho é um desafio que muitos preferem não assumir. Porém, ao fazê-lo para a glória de Deus, trata-se de um compromisso que pode e deve ser assumido por todos aqueles que amam o que fazem. A avaliação requer humildade e uma atitude aberta para a melhoria, tanto da parte de quem é avaliado, como da parte de quem avalia. Espera-se que os envolvidos considerem erros e fraquezas como fonte de aprendizagem e aperfeiçoamento.

Essa atitude de abertura para a melhoria não garante somente a satisfação pessoal e profissional, mas o crescimento da igreja na direção que o Senhor indica. “Que homem algum apresente a ideia de que o homem pouco ou nada tem que fazer na grande obra de vencer; pois Deus

nada faz para o homem sem a sua cooperação. Nem digam que, depois de haverem feito tudo que de sua parte seja possível, Jesus os ajudará. Disse Cristo: ‘Sem Mim, vocês não podem fazer coisa alguma’ (Jo 15:5). Do princípio ao fim o homem deve ser coobreiro de Deus. A menos que o Espírito Santo atue no coração humano, a cada passo tropeçaremos e cairemos. Os esforços do homem, somente, são nada mais que nulidade; mas a cooperação com Cristo significa vitória.”<sup>7</sup>

■ Carlos Hein



Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana

■ Herbert Boger



Secretário ministerial associado da Divisão Sul-Americana

■ Nancy H. de Gomez



Psicóloga, residente em Buenos Aires, Argentina

■ Thadeu J. Silva Filho



Sociólogo, membro da igreja adventista central de Brasília

#### Referências:

- <sup>1</sup> *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (Tatui, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011), v. 1, p. 190.
- <sup>2</sup> *Ibid.*, p. 199.
- <sup>3</sup> *Ibid.*, p. 190.
- <sup>4</sup> Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 437.
- <sup>5</sup> \_\_\_\_\_, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 4, p. 375, 376.
- <sup>6</sup> \_\_\_\_\_, *Fé e Obras*, p. 18.
- <sup>7</sup> \_\_\_\_\_, *Reavivamento e Seus Resultados*, p. 38, 39.

Escolha o melhor  
PARA SUA DEVOÇÃO

BÍBLIA  
Sagrada

ATÉ 26 DE OUTUBRO

Cesta Básica  
*Espiritual*  
..2015..

# Paixão pela família

*"Se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos da própria casa, tem negado a fé e é pior do que o descrente."*

**Paulo**

*"Não seremos uma bênção longe se, primeiramente, não o somos perto. E não há nada mais perto de nós que a nossa família."*

**R. Libório**

*"Coisa alguma pode desculpar o pastor de negligenciar o círculo interior, pelo mais amplo círculo externo. O bem-estar espiritual de sua família vem em primeiro lugar [...] O grande bem, feito a outros, não pode cancelar o débito que ele tem para com Deus, quanto a cuidar dos próprios filhos."*

**E. G. White**

*"Sejam bons maridos de suas esposas. Honrem a elas, alegrem-se nelas. Por serem mulheres, elas não gozam de algumas das mesmas vantagens que vocês. Mas na nova vida da graça de Deus, vocês são iguais. Tratem às suas esposas, portanto, como a iguais para que as orações de vocês não cheguem somente até o teto."*

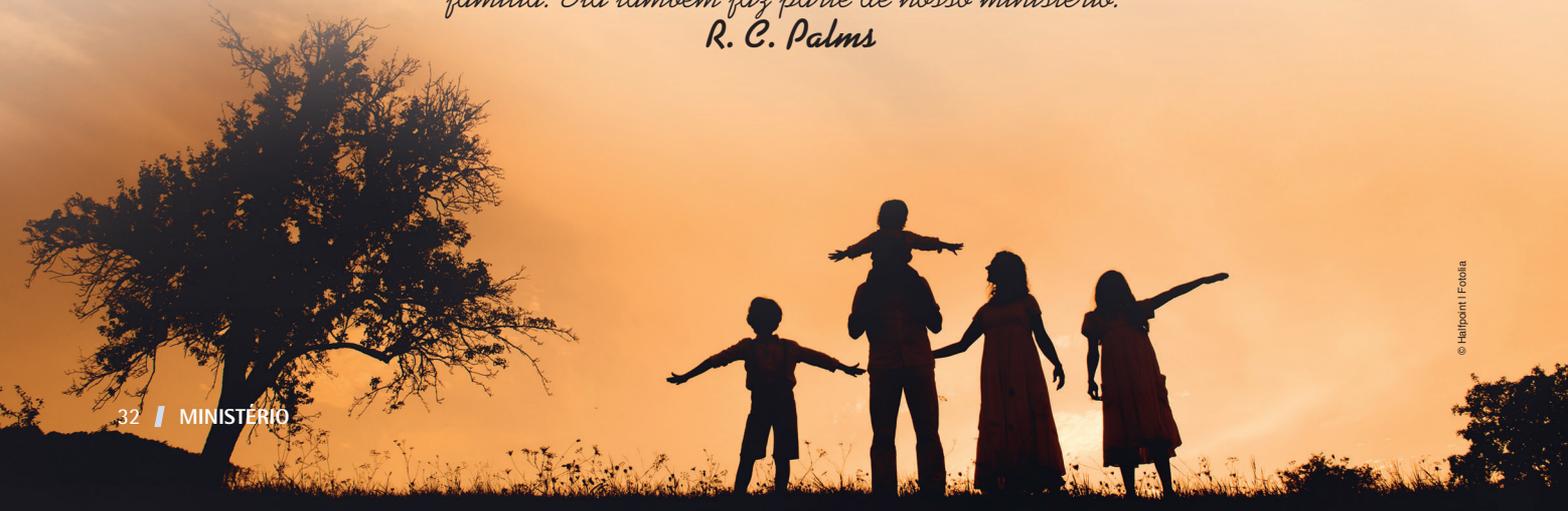
**E. Peterson, parafraseando Pedro**

*"Goza a vida com a mulher que amas, todos os dias de tua vida fugaz."*

**Salomão**

*"Um dia, estaremos diante de Deus e ouviremos as seguintes palavras: 'Muito bem, servo bom e fiel'. Ouviremos não apenas porque servimos a igreja; mas também porque servimos àqueles que Deus colocou mais perto de nós – nossa família. Ela também faz parte de nosso ministério."*

**R. C. Palms**



25 de outubro

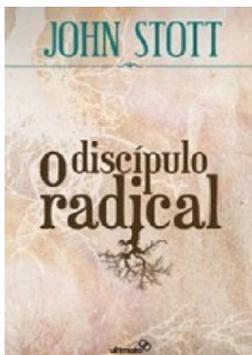
# Dia do Pastor



*Paixão*  
pela Família

### O DISCÍPULO RADICAL

John Stott, Editora Ultimato, Viçosa, MG,  
tel.: (31) 3611-8500, [www.ultimato.com.br](http://www.ultimato.com.br),  
136 páginas.



Este livro proporciona uma leitura fascinante sobre a essência do verdadeiro discipulado. Conforme o próprio Jesus ilustrou na parábola do semeador, existem diferentes níveis de comprometimento na comunidade cristã. Evitamos o discipulado sendo seletivos: escolhemos as áreas nas quais o compromisso nos convém e ficamos distantes das áreas

nas quais nosso envolvimento custará muito. Tire o melhor proveito da leitura deste livro.

### BÍBLIA DE ESTUDO ARQUEOLÓGICA NVI

Walter Kaiser Jr. (editor), Editora Vida, SP,  
tel.: (11) 2618-7000, [www.editoravida.com.br](http://www.editoravida.com.br),  
2.248 páginas.

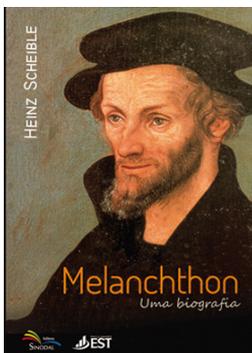


Um passeio ilustrado através da história e da cultura bíblica. Mais de 500 artigos divididos em cinco categorias: Textos e Artefatos; Povos, Terras e Governantes; Credibilidade da Bíblia; Sítios Arqueológicos; Histórias e Culturas. Contém aproximadamente 500 fotos, mais de oito mil notas de rodapé com tópicos históricos, arqueológicos e culturais

que ajudam na compreensão dos tempos, lugares e circunstâncias.

### MELANCHTON: UMA BIOGRAFIA

Heinz Scheible, Editora Sinodal, São Leopoldo, RS,  
tel.: (51) 3037-2366, [www.editorasinodal.com.br](http://www.editorasinodal.com.br),  
302 páginas.

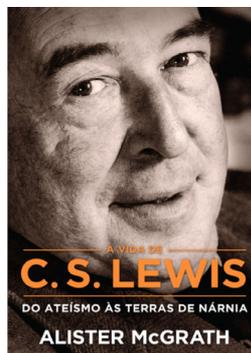


O que nos aproxima de Melancthon são as numerosas cartas legadas à posteridade. Ele precisava defender posições com as quais não conseguia concordar plenamente. A questão do livre-arbítrio foi um problema central em seu pensamento e sua fé. No mínimo, a polêmica entre Lutero e Erasmo o obrigou a refletir sobre o assunto. A vida

de Melancthon adquire interesse que transcende a história da Reforma.

### A VIDA DE C. S. LEWIS: DO ATEÍSMO ÀS TERRAS DE NÁRNIA

Alister McGrath, Editora Mundo Cristão, São Paulo, SP,  
tel.: (11) 2626-0712, [www.mundocristao.com.br](http://www.mundocristao.com.br),  
424 páginas.



Uma das principais mentes cristãs contemporâneas decidiu investigar e compreender uma das principais mentes cristãs do século 20. McGrath promove uma análise dos temas e interesses mais profundos daquilo que Lewis escreveu ao longo de sua trajetória literária e seu impacto na cultura ocidental. Incentiva os leitores a levar a sério as afirmações do

cristianismo e apresenta uma apreciação mais intensa da profundidade da fé cristã.



Carlos Hein

Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana

# “Dedique-se à leitura”

**A** caso você já se olhou no espelho e notou a necessidade de fazer algumas mudanças? Dias atrás, estive olhando no espelho, vi “minha família ministerial” e fiquei razoavelmente preocupado num aspecto. Está evidente que necessitamos dedicar mais tempo à leitura e ao estudo.

No século passado, viveu um famoso pregador chamado S. Parkes Cadman. Nos labores da radiotelefo- nia, ele pregava a mais de cinco milhões de pessoas cada domingo. O mais notável acerca desse homem foi que, desde os onze anos, trabalhou como mineiro na Inglaterra, durante uma década, e oito horas diárias, a fim de manter seus irmãos menores. Nada parecia indicar que haveria alguma possibilidade de se educar formalmente. Contudo, em 1934, era um dos autores mais lidos na América do Norte.

Enquanto trabalhava nas minas de carvão, normalmente era obrigado a esperar alguns minutos, enquanto descarregavam seu vagão. Então, tirava do bolso um pequeno livro para ler, embora sempre estivesse escuro e ele fosse obrigado a ler sob a luz fraca de sua velha lanterna. Raramente dispunha de mais de dois minutos para ler. Entretanto, sempre levava consigo um livro. Era preferível ficar sem almoçar a sair sem os livros.

Cadman sabia que apenas lendo bastante podia sair da mina. Por isso, enquanto ali trabalhou, leu mais de mil livros emprestados. Não é surpreendente que esse garoto tenha avançado na vida. Nada podia detê-lo. Dez anos depois de começar a trabalhar na mina tinha conhecimento suficiente para ser admitido na universidade e estudar na Faculdade de Richmond, em Londres.

O que aconteceria conosco se lêssemos mais do que o fazemos? Certa menina disse à mãe, a respeito de uma idosa senhora que as tinha visitado: “Se eu pudesse ser

uma idosa igual a ela, tão linda, serena e amável, não me importaria de envelhecer.” A isso a mãe respondeu: “Então comece agora. Ela não se fez em um momento. Foi preciso muito tempo.” Temos o defeito de adiar o momento em que pretendemos fazer grandes coisas ou fazer grandes mudanças. Frequentemente, somente depois de alguma experiência difícil, despertamo-nos para a necessidade de agir imediatamente.

Falando sobre Jesus, no livro *O Desejado de Todas as Nações*, Ellen G. White menciona que “em Sua laboriosa vida não havia momentos ociosos [...] Nenhuma hora vaga. [...] Não empregava o poder divino de que dispunha para aliviar os próprios fardos ou diminuir a própria lida. [...] Não queria ser deficiente, nem mesmo no manejo dos instrumentos de trabalho. Era perfeito como operário, da mesma maneira que o era

no caráter. [...] Através de Sua existência terrestre, Jesus foi um ativo e constante trabalhador. Esperava muito resultado; muito empreen- dia, portanto. [...] Jesus não Se esquivava a cuidados e

responsabilidades. [...] Pelo exemplo, ensinou que nos cumpre ser produtivos, que nosso trabalho deve ser executado com exatidão e esmero, tornando-se assim honroso. [...] A positividade e energia, a solidez e resistência de caráter manifestadas em Cristo, tem de se desenvolver em nós, mediante a mesma disciplina que Ele suportou. E caberá a nós a mesma graça por Ele recebida” (p. 72-74).

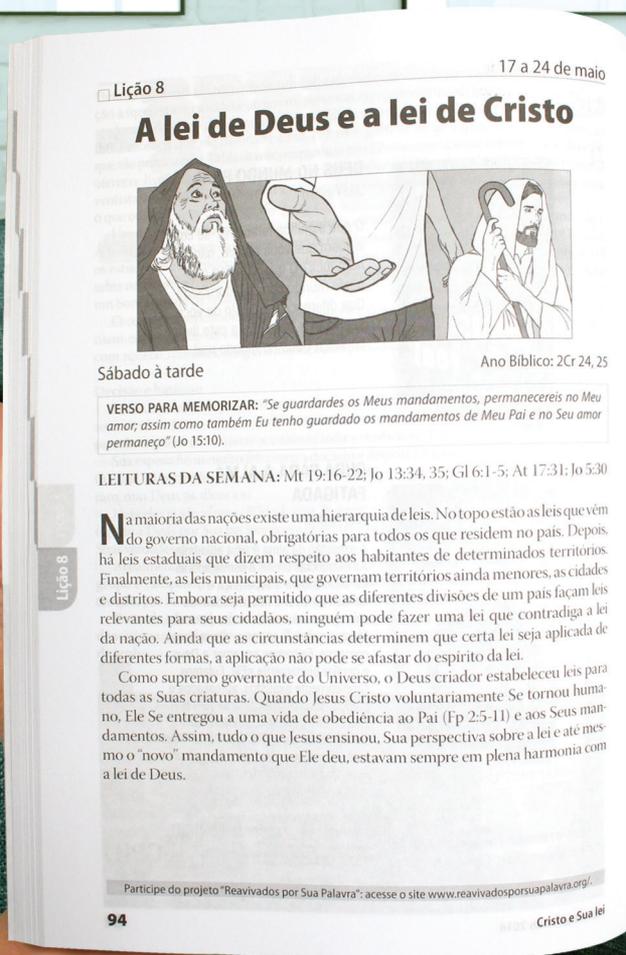
Devemos trabalhar muito. Porém, não devemos nos esquecer de que a igreja necessita de pastores bem preparados, que preguem sermões profundos e ao mesmo tempo simples, para que todos, inclusive as crianças, entendam. Isso é possível, somente se investirmos tempo suficiente em ler (1Tm 4:13). Começemos hoje! ▀

*“Cada vez mais a igreja necessita de homens preparados”*

AGORA VOCÊ PODE ASSINAR A LIÇÃO DA ESCOLA SABATINA IMPRESSA + DIGITAL\*

E ESTAR SEMPRE COM ELA, EM CASA OU NA VIAGEM

Donajás Assunção / Imagens/Fotolia



CHEGARAM OS COMBOS DE ASSINATURA  
DAS LIÇÕES DA ESCOLA SABATINA.

LIÇÃO DOS  
JOVENS  
IMPRESSA+DIGITAL

LIÇÃO DO  
PROFESSOR  
IMPRESSA+DIGITAL

LIÇÃO DO  
PROFESSOR  
ESPIRAL  
IMPRESSA+DIGITAL

\*ASSINATURA DIGITAL DISPONIVEL APENAS PARA IOS

ACESSE [WWW.CPB.COM.BR/DIGITAL](http://WWW.CPB.COM.BR/DIGITAL) OU LIGUE 0800-9790606

